

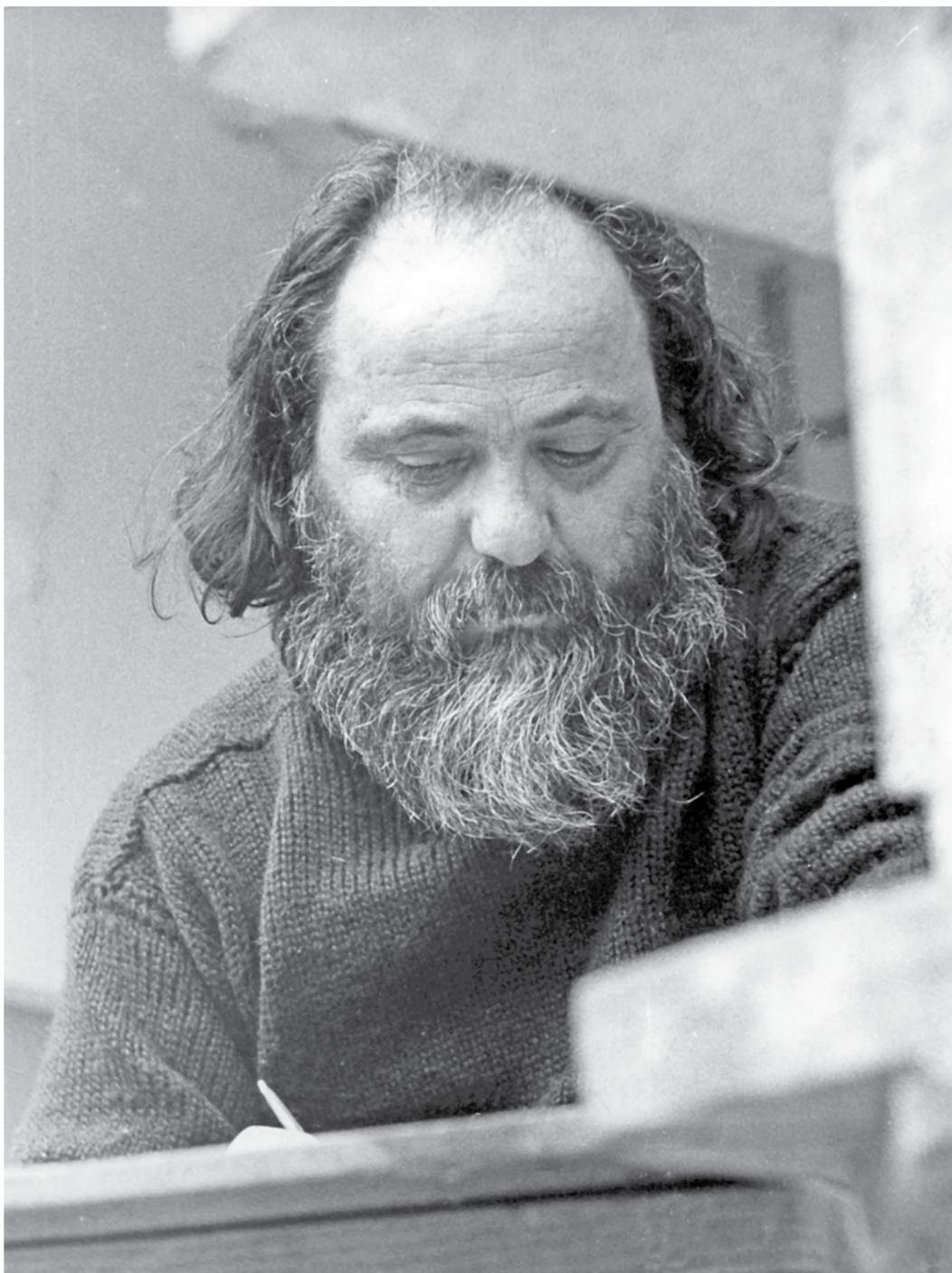
Directora: **Nassalete Miranda**
12 Novembro de 2014
Nº 134 | Preço: 2 euros
Quinzenalmente às quartas

AS ARTES ENTRE AS LETRAS

EM NOTÍCIA | Pág.21

JOSÉ RODRIGUES

Mestre de culto e da cultura



Câmara Municipal
de Vila do Conde

**Paula Rego /
Teresa Black:**
amigas para a vida

22 nov. 2014 - 4 jan. 2015

CENTRO DE MEMÓRIA DE VILA DO CONDE

MEMÓRIA
GALERIA

LITERATURA | Págs.6 a 8

João Bigotte Chorão, camilianista contemporâneo

Uma reunião camiliana é sempre um encontro de amigos. De amigos que dialogam com Camilo, que lêem e relêem os seus livros com renovada alegria e contínuo proveito.

Por António Leite da Costa

CRÓNICA | Pág.12, 17 e 18

Cartografia de cheiros e afectos numa prisão

Por André Lamas Leite

A Cidade e as Sombras IX

Por Mónica Baldaque

Miguel Torga: nas Bodas de Ouro do Curso Médico

Por Levi Guerra

CINEMA | Pág.19

A Viagem dos Piratas

Às vezes não há nada como uma boa viagem no nevoeiro. O para-brisas transforma-se numa panorâmica tela branca e o som esforçado da tracção do motor envolve-nos num roncar hipnotizante...

Por Artur Serra Araújo e Mariana Baldaia

EM NOTÍCIA | Pág.22 e 26

III Congresso de História da SCMP

Sob o tema saúde, ciência e património, a Santa Casa da Misericórdia do Porto promove o III congresso da sua História, de 13 a 15 de Novembro.



SingularPlural, Arte & Comunicação, Unipessoal Lda.
Capital Social: 5.000 €
Número de Certidão: 0232-6801-3200
Conservatória do Registo Comercial de Vila Real

AS ARTES ENTRE AS LETRAS
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

Publicidade
Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq.
4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
E-mail: singplural@gmail.com

FICHA TÉCNICA

DIRECTORA: Nassaete Miranda
EDITORIA: Isabel Fernandes
FOTOGRAFIA: Ângela Velhote
DIRECÇÃO COMERCIAL: Maria José Guedes
GRAFISMO: Pedro Cunha
PAGINAÇÃO: Pedro Cunha
SITE: Criação no âmbito do projecto desenvolvido no ISLA por Joaquim Jorge Santana Oliveira
CONTACTOS: Praceta Eng.º Adelino Amaro da Costa, 764 - 9.º Esq. | 4050-012 Porto
Telefone e Fax: 22 606 35 56
Telemóvel: 91 803 56 76
Email: artesentreletras@gmail.com
REGISTO NA ERC
125685
IMPRESSÃO
Selecior - Artes Gráficas, LDA
Rio Tinto - Telef: 22 485 42 90
DISTRIBUIÇÃO
VASP - MLP, Media Logistics Park, Quinta do Grajal - Venda Seca 2739 - 511 Aqualva Cacém
Telef: 21 433 70 00
PONTOS DE VENDA
contactcenter@vasp.pt
Telef: 80820655 - Fax: 80820613
PROPRIEDADE:
Singular Plural
NIF
509578942
TIRAGEM
1250 exemplares
Interditada a reprodução, mesmo parcial, de textos, fotografias ou ilustrações sob quaisquer meios, e para quaisquer fins, inclusive comerciais

CONSELHO EDITORIAL

Amaldo Saraiva | Agustina Bessa-Luis
António Vitorino d'Almeida | António Joaquim Oliveira
Carlos Fiolhais | Francisco Laranjo
Francisco Ribeiro da Silva | Helder Pacheco
Isabel Ponce de Leão | José Atalaya
José Rodrigues | Levi Guerra
Lidia Jorge | Luísa Dacosta
Manoel de Oliveira | Mário Cláudio | Miguel Cadilhe
Miguel Veiga | Salvato Trigo

COLABORADORES ESPECIAIS

Adelto Gonçalves | Alberto Cadilhe | André Lamas Leite
António José Queiroz | Armando Alves | Artur Serra Araújo
Carlos Cabral Nunes | Carlos Tavares | Cristino Cortes
Domingos Lobo Eugénio Lisboa | Francisco d'Eulália
Francisco Simões | Guilherme d'Oliveira Martins
Jorge Leandro | Jorge Sanglard | J. Esteves Rei
José Carlos Seabra Pereira | Lauro António | Manuel Sobrinho
Simões | Manuela Aguiar | Maria Antónia Jardim
Mónica Baldaque | Paulo Ferreira da Cunha | Ramiro Teixeira
Rodolfo Alonso | Rudesindo Soutelo | Silvina Pereira | Vasco Rosa

PARCERIAS



APOIOS



Esta edição segue para 100 Bibliotecas Municipais com o apoio do Banco BIC



Nassaete Miranda
directora

Entre Sentidos

“A verdadeira solidariedade começa onde não se espera nada em troca”
Antoine de Saint-Exupéry

Um País, uma cidade, fazem-se com as suas gentes e as suas instituições. Depois o tempo começa a contar os seus feitos através da escrita assinada por quem atento, investiga e aprofunda os factos; e a História acontece.

Claro que nem sempre a História é justa, porque feita por homens e estes são tão imperfeitos quanto emotivos, racionais, imprevisíveis - humanos!

Mas, e precisamente por isso mesmo, de quando em vez aparecem homens que, dentro de instituições e também fora delas, assumem a missão honrosa de fazer justiça com a História e trazem para os dias de hoje os actos bravos de homens corajosos esquecidos em páginas arrumadas nas bibliotecas.

A Santa Casa da Misericórdia do Porto é uma dessas raras instituições e o seu Provedor, Dr. António Tavares, o Prof. Francisco Ribeiro da Silva e o jornalista/contador de histórias do Porto, Germano Silva, são três desses homens. Para meu e nosso conforto interior e orgulho exterior, há mais alguns homens e mulheres desta boa estirpe que respiram na Invicta, mas hoje a palavra grata endereço-a particularmente à Santa Casa e aos acima nomeados. Porquê? Porque cada um, ao seu jeito, proporcionou à cidade, em fim de tarde chuvosa na Casa da Prelada, uma homenagem aos Mártires da Liberdade, em forma de livro. “Os Mártires da Liberdade e a Santa Casa da Misericórdia do Porto” é o título da obra escrita pelo Prof. Francisco Ribeiro da Silva, apresentada por Germano Silva e editada pela Santa Casa. Os doze bravos liberais

que foram enforcados por ordem de D. Miguel, no Porto, na Praça Nova, em 1828, foram recordados na sua bravura e ficou o desafio à autarquia portuense para que sejam perpetuados em monumento na cidade.

Poucos saberão, mas a Santa Casa da Misericórdia do Porto, fazendo jus ao humanismo que sempre a distinguiu, deu, em 1878, sepultura digna aos condenados, em monumento onde constam os nomes e repousam os seus doze corpos, sem cabeças, no talhão da Misericórdia, no Cemitério do Prado do Repouso. Na toponímia da Invicta temos a Rua dos Mártires da Liberdade e o Campo dos Mártires da Pátria, agora temos um livro que conta a sua história de forma próxima, bem ilustrada e pormenorizada.

Liberdade é, aliás, o ADN da nossa cidade e é assim, de forma completamente livre que agradeço em nome do futuro, ao autor, Prof. Francisco Ribeiro da Silva, mesário de Culto e da Cultura da nossa Santa Casa, ao Germano, que fez da respectiva apresentação uma sessão reconciliadora com a História e ao Dr. António Tavares que mais uma vez assinou no granito o compromisso que assumiu aquando da sua tomada de posse enquanto Provedor da Misericórdia do Porto: manter a índole humanista, solidária, histórica e patrimonial daquela instituição e aumentar a sua responsabilidade cultural.

Bem hajam!

A todos desejo, em liberdade, boas leituras em artes feitas com “Os Mártires da Liberdade e a Santa Casa da Misericórdia do Porto”.

NOTA

O jornal As Artes entre As Letras, que ainda não adoptou o novo Acordo Ortográfico, publica textos de colaboradores que o aplicam, respeitando, assim, o original.

ENTRENÓS

Prémio João de Almada 2014

Os trabalhos concorrentes à 15.ª edição do Prémio João de Almada estão expostos nos Paços do Concelho do Porto até ao dia 12 de Dezembro. A mostra foi inaugurada aquando da entrega do galardão ao vencedor, que - recorde-se - foi atribuído ao projecto de recuperação do edifício da Rua Alexandre Braga, 94, da autoria de Francisco Barata, Nuno Valentim e José Luís Gomes do Centro de Estudos da Faculdade de Arquitetura da Universidade do Por-

to, propriedade da Fundação Instituto Arquitecto José Marques da Silva. “O Prémio João de Almada foi instituído em 1987 com o objectivo de incentivar e promover a recuperação do património arquitectónico do Porto. É atribuído pela Câmara Municipal do Porto ao melhor exemplo de reabilitação que tenha sido concluído na cidade”. Refira-se que para o Prémio João de Almada 2014 foram consideradas obras concluídas entre Abril de 2012 e Abril deste ano.

PARA ASSINAR ONLINE: WWW.ARTESENTREASLETRAS.COM.PT

À venda, para além dos locais habituais:

Poetria, Vivacidade, Instituto Cultural D. António Ferreira Gomes, Museu Nacional Soares dos Reis

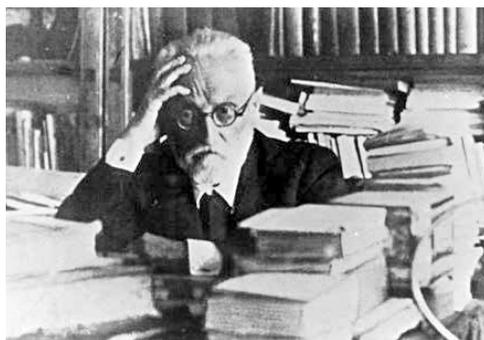


**Guilherme
d'Oliveira Martins**
presidente do CNC

Carta de Salamanca com Unamuno

Ángel Marcos de Dios é autor de «Escritos de Unamuno sobre Portugal» (Gulbenkian, Paris, 1985), que nos serviu de bússola no percurso que o Centro Nacional de Cultura organizou, sob a inspiração do nosso saudoso amigo Mário Quartin Graça, que Pedro Roseta coordenou com a segurança, o conhecimento e a sabedoria que todos lhe conhecemos. Salamanca recebeu-nos com a nobreza e a hospitalidade que todos conhecemos. Chegados às margens do verdadeiro Tormes, afluente do Douro, todos se sentiram recompensados por estarem finalmente na celebrada cidade do autor de «Por Terras de Portugal e Espanha». A ceia foi frugal e sem subtilezas. E no dia seguinte, pelas 10, hora bem prazenteira para quem fizera a longa estirada da véspera, todos estavam preparados para a «ruta unamuniana». A manhã estava bastante fresca, o que causou apreensões, depois de uma semana portuguesa de calor do verão de S. Martinho. Mas mal começou a caminhada, a temperatura foi subindo paulatinamente naquele clima seco de planalto. O sol tornou-se acolhedor e simpático e o tempo ameno acompanhou-nos durante o dia inteiro.

Rumámos ao centro, com a companhia de Jesus Maria, cicerone simpático, com humor e bons conhecimentos. Paseo de la Estación, Plaza de España, Toro, Plaza Mayor, Calle Prior, até Bordadores, para onde foi viver o Mestre depois do reitorado, fazendo as suas proverbiais caminhadas em Las Ursulas e no Campo de S. Francisco. Lá está a estátua da autoria de Pablo Serrano, com o pensador com atitude de permanente interrogador e inconformista. Perante uma afirmação, tomava por sistema uma atitude crítica, essa a força do seu prestígio. D. Miguel era um incansável caminhante, considerando que a verdadeira Universidade fazia-se junto das pessoas, nas ruas, popular e próxima. A Plaza Mayor era um «corazón henchido de sol y aire». E era bom encontrar lá todos, desde os estudantes aos mestres, mas sobretudo a gente comum que ensinava a razão de ser dos costumes e a força do viver... E pode dizer-se que Salamanca, de tão antigas tradições, desde 1218, com tão grandes glórias - Frei Luís de León, António de Nebrija, Juan de Encina, Francisco de Vitória, Abrão Zacuto, Gongora - tornou-se com Unamuno uma referência superlativa. Pedro Roseta recordou-nos em frente à casa de Bordadores (ao lado da Casa dos Mortos) os encon-



tro com Guerra Junqueiro, e a confissão deste, ali mesmo, sobre o regicídio, que ele não desejara. Sente-se a presença do inconformista, vindo do País Basco, que não apenas se tornou professor de línguas e culturas clássicas, mas que se dispôs a interrogar o «sentimento trágico da vida». E foi essa atitude semelhante à de um Maine de Biran ou de Kierkegaard, centrada na «agonia do cristianismo», sendo o «agón», na aceção grega o permanente combate connosco em busca de um misterioso e difícil sentido, de singularidade inolvidável. Ser profundamente contraditório, Unamuno proclamou a República em Salamanca, com a autoridade de indiscutível mestre, mas deixou-se arrastar pela ilusão ordeira dos nacionalistas, até que, no paraninfo da Universidade, foi protagonista do trágico episódio em que respondeu à provocação de Millán-Astray: «Abajo la Inteligencia! Viva la Muerte!»: «Este é o templo da inteligência e eu sou o seu sumo-sacerdote. Estais profanando este sagrado recinto. Venceis por que não vos falta força bruta. Mas não convencereis. Para convencer há que persuadir. E para persuadir há algo que vos falta: razão e direito na luta. Parece-me inútil pedir-vos que penseis em Espanha». Foi esse o último discurso do filósofo, a 12 de outubro de 1936. Nunca mais seria autorizado a regressar à sua cátedra, morrendo destroçado no último dia desse ano, quando já se feria a guerra cega e sangrenta...

Que pensador encontramos nesta extraordinária peregrinação invocativa? Um amante de Portugal, como ponto de encontro entre o lirismo da beira-mar e a tragédia marítima. Como diz Ángel Marcos de Dios, Unamuno sempre considerou Portugal como entidade independente; o seu amor pelo nosso país levou-o a tratar Portugal, cultural e espiritualmente, com um destino unido a Espanha, num iberismo espiritual. Hou-

ve, de facto, contrastes psicológicos e paradoxos culturais que levaram Unamuno a compreender melhor do que ninguém alguns dos dramas espanhóis do final do século XIX, à luz da complementaridade peninsular, que levou Antero de Quental a pronunciar a célebre conferência «Das Causas da Decadência dos Povos Peninsulares» e Oliveira Martins a escrever a «História da Civilização Ibérica». Miguel de Unamuno considerou o século XIX português como o século de ouro - com destaque para a geração de Antero de Quental e de 1870, para os românticos que os antecederam (Garrett e Herculano, Camilo e João de Deus) e para os simbolistas que vieram depois (Pascoaes e Eugénio de Andrade)... Vendendo-nos de fora, o autor de «Tia Tula» pôde usar um espelho para projetar e interpretar o drama de Espanha de 1898. E, ao ver o caso português, o pensador antecipou a tragédia que iria corroer o seu próprio espírito nos últimos dias de vida, já em plena guerra civil. Se dúvidas houvesse, basta ler o poema Portugal, que escreveu em 1907: «Portugal, Portugal, terra descalça / acorada junto ao mar, tua mãe. / Chorando saudades / de trágicos amores, / enquanto os teus pés nus se banham / nas ondas salgadas, / tua verde cabeleira solta ao vento / - cabeleira de pinheiros que rumorejam - / os cotovelos descansando nos joelhos, / e a face morena entre as mãos, / pões os teus olhos onde o sol se põe, / sozinho no mar imenso, / e assim meditas no lento naufrágio / das tuas glórias do Oriente, / cantando fados de queixume e lentidão». Em cada canto pudemos voltar a recordar que o tema português não foi marginal no seu percurso intelectual. E se dúvidas houvesse aí encontramos alinhados numa prateleira, em lugar de honra, os seis portugueses, que elegeu como símbolo da sua interrogação peninsular: Herculano, Oliveira Martins, João de Deus, Antero de Quental, Camilo Castelo Branco e Soares dos Reis. E Ángel Marcos de Dios disse-nos com meridiana clareza como cada um deles, muito mais do que em qualquer derrotismo, souberam compreender a vida como tragédia, que o mesmo é dizer, como combate pela compreensão, pela razão e pelo entendimento do sentir.

NOTA

Texto publicado ao abrigo da parceria estabelecida entre AS ARTES ENTRE AS LETRAS e o Centro Nacional de Cultura



Vasco Rosa
pesquisador literário e editor

Raul Brandão, os Açores... e o Porto

Mil e uma vezes referidas pela bibliografia açoriana, *As Ilhas Desconhecidas* de Raul Brandão não mereceram ainda a divulgação e o estudo exaustivo compatíveis com a importância que se lhes atribui na formação da identidade cultural dos Açores.

Não exagero. A primeira edição regional deste livro de 1927 foi publicada 82 anos depois, a segunda e terceiras edições nacionais, apresentadas por açorianos, ocorreram apenas em 1978 e 1988. É francamente muito pouco... O prefácio de Silveira para a edição *Perspectivas & Realidades* (1978) é a versão alargada de um artigo saído n' *O Comércio do Porto* de 23 de Junho de 1953, em que o literato florentino e viperino apontava para detractores locais do livro de Brandão, sem os nomear, mas desde então, 1953 ou 1978, como preferirem, nenhum ensaio ou tese da Universidade dos Açores (ou outra) buscou conhecer e debater isso, nem ainda, como seria instigante, cotejar esta obra brandoniana com o que escreveram sobre o arquipélago alguns elementos da aparatosa missão de intelectuais do continente que lhe havia antecedido escassos meses. Ninguém procurou ainda saber, através de documentação perene como cartas, diários e memórias, do escritor e de outros, como foi que Raul Brandão decidiu rumar àquelas ilhas atlânticas, ou se foi fotografado durante o périplo ilhéu, como escritor reconhecido que afinal ele era. E está ainda por desenvolver o estudo comparativo do seu livro com a demais literatura de viagens nos Açores, em que não se foi além de uma sofrível tese de mestrado apresentada em 2005 à Universidade dos Açores.

O Primeiro Congresso Açoriano (Lisboa, 1938-39) ignorou *As Ilhas Desconhecidas* nas compactas 730 páginas das suas Actas, e o centenário do escritor, em Março de 1967, passou a milhas náuticas da principal imprensa açoriana (onde uma nova geração de intelectuais dava boas mostras de si) e das instituições regionais. Pela segunda vez, teria sido uma excelente ocasião para uma edição açoriana do livro (tanto mais que ele se encontrava fora do mercado havia décadas), mas assim não aconteceu, e por outro lado *As Ilhas Desconhecidas* ficaram a léguas das homenagens a Raul então prestadas em Guimarães e nos suplementos culturais dos diários de Lisboa e do Porto, onde, vale a verdade, distintos açorianos colaboravam assiduamente. Em 1999, o congresso brandoniano do Porto pouco ou nada acrescentou ao que Pedro da Silveira e



Machado Pires haviam escrito anos antes, este último o prefácio da edição *Comunicação*, que se propôs publicar umas *Obras Completas* que nunca o chegaram a ser.

Isto depois de Vitorino Nemésio (sempre ele!) ter sido o *primeiríssimo* leitor-crítico do livro, ainda fresco de tinta, em folhas da tipografia por brochar, com um entusiasmadíssimo artigo no *Diário de Lisboa* de 14 de Maio de 1927, que durante décadas ficou esquecido - até por Pires, destacado nemesiano, que nunca se lhe referiu, nem mesmo no estudo prefacial à edição açoriana de 2009 (um bellissimo texto de Nemésio, que resgatei neste jornal, a 26 de Fevereiro deste ano, pp. 6-7). De facto, o levantamento panorâmico da recepção crítica de *As Ilhas Desconhecidas*. *Notas e paisagens* está ainda hoje por fazer (e o Brasil deve ser incluído). Só assim se conhecerá devidamente a valoração transgeracional de um livro de magna relevância para o arquipélago. É que por vezes a surpresa é grande, como acontece com mais um texto - «*As Ilhas Desconhecidas*, o novo livro de Raul Brandão» - que

as bibliografias nunca registaram: para mais, no *Jornal de Notícias* e sem assinatura (acredito que seja de Guedes de Amorim), e que nos anuncia, a 27 de Maio de 1927, que «os Açores encontraram o seu grande pintor»...

Estamos a dois anos e meio da comemoração do 150.º aniversário do nascimento de Raul Brandão - e, coincidentemente, dos redondos 90 anos da publicação das suas *Ilhas Desconhecidas*. A Câmara Municipal de Guimarães, a Sociedade Martins Sarmiento (daquela cidade, onde se conservam o espólio literário e a biblioteca pessoal do escritor) e a Direcção-Regional de Cultura do Norte já iniciaram um debate com os três grandes brandonianos (José Carlos Seabra Pereira, Maria João Reynaud e Vítor Viçoso) e o signatário destas linhas, para todos tornarem essas comemorações um momento especial de síntese e actualização dos conhecimentos. A nossa ideia é identificar os aspectos da vida, da obra e da recepção crítica do escritor que seja preciso esclarecer (e são variados!), sus-



Monumento a Raul Brandão, na Foz do Douro, Porto

ceptíveis de serem clarificados mediante bolsas de pesquisa de curta e média duração, publicando de imediato os seus resultados ou encaminhando-os para um colóquio internacional em 2017. Pessoalmente, gostava de ver os Açores chamarem a si uma parte dessas comemorações, centrada naturalmente no livro que Pedro da Silveira considerou como «um dos melhores da literatura portuguesa de viagens de todos os tempos». Além dos estudos acima referidos e outros, e da promoção internacional do livro - com a tradução para línguas de referência e uma edição no Brasil, mais a difusão global da série televisiva realizada por Vicente Jorge Silva (2009) e o álbum fotográfico de Jorge Barros (2012) -, quero sugerir desde já a criação e implantação, a 12 de Março de 2017, de um obelisco em homenagem a Raul Brandão na ilha do Corvo, que ele viu, sentiu e escrevendo pintou - como ninguém e para sempre.

Do mesmo modo, gostaria de ver a cidade do Porto, o seu Município, e em especial as estruturas museológicas e arquivísticas que dele de-

pendem, envolvidos em pesquisar e dar a conhecer melhor a figura literária (e política) de Raul Brandão. Como tudo na vida, o périplo brandoniano desenvolvido por Albano Martins (*O Porto de Raul Brandão*, 2000, 139 pp., ilustrado) é já uma sólida base para novas inquirições que esclareçam as tertúlias dos Nefelibatas, da *Águia* e da *Renascença Portuguesa*, a pequena história dos jornais da cidade e arredores em que ele colaborou, como foi que Brandão promoveu a primeira exposição de Columbano no Porto, o levantamento e divulgação de retratos, fotografias, cartas e manuscritos que envolvam o escritor directa ou indirectamente, enfim todo o trabalho de pesquisa de grande fôlego habitualmente impulsionado pela proximidade das efemérides. Um ciclo de teatro brandoniano seria certamente uma boa iniciativa. Pode, além disso, a Câmara Municipal do Porto promover o restauro do monumento ao escritor na Foz do Douro, único no País, dando a conhecer a sinuosa história do seu projecto e da edificação (a que nos

referimos aqui em Maio passado), sempre lembrando que em 1967 a cidade protagonizou notáveis comemorações do centenário do nascimento, que honraram o Porto, e que foi nela que em 1999 teve lugar o primeiro grande congresso sobre Raul Brandão.

O calendário exige a atenção de todos, e o tempo dirá, para sempre, quem é que esteve atento e cumpriu os seus deveres.

*

Há uma comovida ternura pelos pobres - por quantos vivem do trabalho, sacrificadamente - nos livros de Raul Brandão. Ele é, entre nós, o maior e o mais dramático intérprete da vulgar e alucinante tragédia dos miseráveis. Mar, terra e céu nos livros de Raul Brandão partilham do sofrimento humano - exalçam-se por esse duro sacrifício.

A Natureza, para o prosador claro e simples de *Os Pescadores*, tem o seu drama íntimo - o íntimo drama dos pobres. Há entre os que trabalham a terra e a própria terra uma comunhão espiritual, uma comunhão perene - que a espaços se transmuda em dolorosa tragédia. Raul Brandão, que vê a terra e os homens com os olhos da alma, teceu a sua obra, toda a sua obra, com o sangue dos humildes - o sangue que, no dizer profundo de Nietzsche, é espírito..

Deste seu último livro - *As Ilhas Desconhecidas* -, que lemos encantadamente, ficou-nos a mesma impressão extraordinária de beleza. E a nossa opinião, resumidamente exposta, já ganhou, depois da leitura, raízes novas - raízes mais fortes. O livro é duma composição simples que, como estilo, é das melhores lições que temos recebido. Certas das suas páginas descritivas são modelares. O escritor, que é essencialmente um dissecador de almas, é também um colorista fulgurante: «A Ilha Azul», «O Pico» e «O Corvo» são capítulos formidáveis. «O Corvo» - «pedra negra, areia negra e um mar esverdeado, céu muito baixo, nuvens esbranquiçadas» - é, pela observação e descritivo, duma beleza empolgante. A piedade pelos humildes, que é o fulcro de toda a obra de Raul Brandão, transluz em cada página desse capítulo que ficará como das melhores coisas da nossa língua. «Almas tão descarnadas como o penedo e uma vida impossível noutra mundo que não seja este mundo arredado...» E essas almas, pobrezinhas de riquezas materiais, têm, afinal, a maior das riquezas - o descanso da consciência: «No Corvo, quando me sento à mesa, todos à mesma hora se sentam para jantar, e à noite não há desgraçado sem abrigo...»

Livro de *notas e paisagens*, o título - *As Ilhas Desconhecidas* - foi dos mais felizes. Os Açores encontraram o seu grande pintor - um riquíssimo pintor, que no seu verbalismo opulento tem a melhor paleta. E os humildes uma vez ainda não de erguer para Deus as mãos agradecidas - pedindo, ao que tudo pode e manda, a felicidade para o seu Maior Amigo

[Guedes de Amorim]



António Leite da Costa
ensaísta

João Bigotte Chorão, camilianista contemporâneo

Uma reunião camiliana é sempre um encontro de amigos. De amigos que dialogam com Camilo, que lêem e relêem os seus livros com renovada alegria e contínuo proveito. De amigos que conversam, sem tempo nem limite, com um escritor que se senta ao nosso lado e saborosamente interrompe o romance para falar connosco; que nos confia a sua atribulada vida familiar nas cartas, imensas cartas, que espalhou pelos amigos ou simples conhecidos; que passeando a nosso lado no velho Porto oitocentista nos desvenda um mundo que dizem que morreu mas que nas páginas que nos legou está bem vivo e atrevido, cheio de graça e folgazão, que dá gosto guardar nos bolsos para atazanar umas tias velhas e rabugentas - daquelas que dizem muitos oh! e ah! - e que todos temos para mal dos nossos pecados e desconto dos mesmos na hora derradeira. Camilo Castelo Branco! Um amigo que nos acompanha não umas horas, um dia ou uns anos, através das suas obras. Não é um autor de meia dúzia de livros, mas de uma autêntica biblioteca. Em suma: um autor para toda a vida.

Cedo recolheu o autor de *O que fazem mulheres* a atenção de leitoras assíduas e interessadas e o culto de fiéis admiradores que nele viam, como disse o Padre Sena Freitas, amigo e benévolo biógrafo, "um milionário da língua portuguesa". Mas nem todos se quedaram pela análise da obra e a natural valorização da insofismável riqueza da língua que é apanágio do escritor, verdadeira marca de água das páginas que nos deixou. Alguns quiseram devassar-lhe a vida, esmiuçar-lhe os gestos, espiolar-lhe a alcova, como sopeiras parolas e boçais, escondendo-se atrás das portas, olhando pelas janelas, espreitando atrevidamente pelo buraco da fechadura. E assim surgiu uma enxurrada de biografias, em que se vislumbram a cada página, ora Freud, ora Lombroso, todos a par das últimas novidades da estranja, para nos dar uma imagem, pobre e mesquinha, do homem Camilo, vítima de todas as doenças, fruto de todas as taras, familiares ou não. E de este modo se passou quase meio século nas mãos de camilianistas que se julgavam fiéis amigos do Mestre e tão fraca imagem dele nos deram. Salvo uma ou outra excepção, foi só praticamente na segunda metade do século passado que Camilo Castelo Branco começou a ser visto como escritor e mestre da língua de todos nós.

João Bigotte Chorão pertence a esta geração de camilianista, se assim podemos dizer. Do homem, interessam-lhe apenas os dados essenciais, o sufi-

ciente para compreender a obra, sem devaneios supérfluos ou fantasias abusivas, Pirandello disse que a vida ou se vive ou se escreve. Camilo viveu-a, escrevendo.

Ensaísta, crítico literário e autor de um dos melhores diários em língua portuguesa - *Diário quase completo*, que mereceu, justamente, o Grande Prémio da Literatura Biográfica da Associação Portuguesa de Escritores -, João Bigotte Chorão escreveu um dos seus primeiros textos sobre Camilo há precisamente trinta anos: uma comunicação lida nas I Jornadas Camilianas de Vila Real, em 28-7-1984 - e posteriormente publicada em revistas e em livro (*O Escritor na Cidade*, Editorial Verbo, Lisboa, 1986, pp. 91-108) -, intitulada "Camilo e a tradição narrativa camiliana", que abriu novos caminhos na projecção do escritor de Ceide e na influência que exerceu em autores da linhagem camiliana como Aquilino Ribeiro, João de Araújo Correia, Tomaz de Figueiredo e Agustina Bessa Luís.

Eis como nos caracteriza Camilo Castelo Branco: *Escritor temperamental, novelista sem outro objectivo que não seja o de exumar de velhos papéis velhos dramas e de ressuscitar, para esconjurá-los, os seus fantasmas, Camilo substitui o rigor da arquitectura pelo dom de narrar. Sabe como interessar o leitor e como fazê-lo participar da história que relata com tanta convicção que torna verosímil a própria inverosimilhança. Sem delongas descritivas, que o aborreciam e nos aborreciam porventura a nós, a narrativa desenrola-se toda ofegante e tumultuosa, travada apenas pelas abusivas (mas quase sempre saborosas) intromissões do autor, de personalidade tão forte, que só a custo admite abandonar todo o palco às personagens. Com frequência elas são porta-vozes do novelista, sua projecção ideal, e não raro se exprime, falando ou escrevendo, com o génio literário que é dele e só dele, ainda que não passem de pobres moças de poucas letras e estreitos horizontes. Parecem inspiradas, como aquelas videntes iletradas que dão vida a línguas mortas e penetram mistérios defesos a teólogos subtis. Mas não era a verosimilhança psicológica que mais preocupa Camilo, interessado sobretudo em alegar, emocionar, anatematizar. Esse jeito de pregador, que sabe impor-se ao auditório pela eloquência dos sentimentos, provém da conjugada influência do seu primeiro mestre - o bom Padre António de Azevedo -, do seminário e da oratória sagrada, que lhe era familiar, enfim, de toda uma tradição histórica que, mesmo a escritos profanos, infunde carácter parenético.*





E logo acrescenta:

*A chamada “monotonia” de Camilo é, afinal, variedade, já variedade de personagens (fidalgos e gente do povo, bons e maus clérigos, letrados e analfabetos, homens de nobre carácter e vilões), já variedade de cenários (o campo e a cidade, o tempo coevo e o tempo histórico), já variedade de sentimentos e de situações (da vingança ao perdão, da tragédia à sátira, do triunfo à queda). A mesma linguagem de Camilo, robusta sempre e sempre rica, é também vária, ora de uma nudez essencial como no *Queda dum Anjo*, ora de uma exuberância complacente como na *Queda dum Anjo*, ora de uma virulência deliberada e de não menor deliberado *pastiche* como em *Eusébio Macário* e *nA Corja*, ora de uma truculência polémica como na *Boémia do Espírito*.*

Aqui temos uma síntese admirável do escritor Camilo Castelo Branco feita pelo crítico e honesto camilianista contemporâneo. Que lhe dedicou várias obras - hoje de referência obrigatória -, para além de inúmeros textos dispersos pelos seus volumes ensaísticos, sem falar nos prefácios ou posfácios que escreveu para livros de Camilo, reeditados nos últimos anos. De salientar também os pioneiros e seguros estudos que nos deixou de dois escritores camilinos - para usar a expressão tão do agrado de Tomaz de Figueiredo - e com quem privou largos anos: João de Araújo Correia e Tomaz de Figueiredo. Através de esses cuidadosos textos sobre autores de raiz camiliana estabeleceu uma ligação entre o passado e o presente, lançando uma ponte sobre o futuro, ao indicar, a todos nós, a estrada larga do camilianismo na literatura portuguesa.

É autor igualmente de duas excelentes - é a palavra exacta - introduções ao estudo do autor do *Amor de Perdição: Camilo. A Obra e o Homem* (Arcádia, Lisboa, 1979) e *O Essencial sobre Camilo* (INCM, Lisboa, 2000), ambas já em segunda edição, sobressaindo na bibliografia passiva pela clareza do texto, pelo rigor da análise, pela visão serena e ponderada da obra camiliana, levando-nos, por mão amiga e sabedora, a visitar Camilo, como mestre da língua, *exemplo de singularidade nesta época de mimetismo e de uniformização. Também ele escreveu, a seu modo, uma “arte de ser português” - uma arte em que a liberdade do espírito e a provocação do riso tomam menos pesada a mão do fado. Passional e vernáculo, nenhum outro escritor português será tão português quanto Camilo. Vemo-lo como se em um espelho vissemos o nosso rosto - e, mais do que o nosso rosto, a nossa alma*, como diz noutra obra (*Camilo Camiliano*, Rei dos Livros, Lisboa, 1993) cuja proveitosa leitura também não é de enjeitar, e onde afirma, com certa graça: vivendo tanto na intimidade de Camilo, chega o autor destas linhas a ter, às vezes, a ilusão de o haver conhecido e ouvido realmente (*Idem, ibidem*, pp. 11-12).

Camilo, génio da língua. E batem-nos à porta, a propósito, as palavras de Harold Bloom, em obra recentemente publicada entre nós (*Génio*, Temas e Debates, Círculo de Leitores, Lisboa, 2014, p. 11): “Há evidências de vacilação entre os que descartam o génio como sendo meramente um fetiche do sé-

culo XVIII. O pensamento em grupo é a praga da nossa Era da Informação e é ainda mais pernicioso nas nossas instituições académicas obsoletas, cujo longo suicídio continua desde 1967. O estudo da mediocridade, seja qual for a sua origem, gera mediocridade. Thomas Mann, descendente de fabricante de móveis, profetizou que a sua tetralogia de José perduraria porque era bem feita. Nós não aceitamos mesas e cadeiras que tenham pernas a cair, independentemente de quem as fez, mas instamos os jovens a estudar textos medíocres, sem pernas que os sustentem”. E acrescentamos nós: daí o regresso a Camilo.

E como o podemos fazer se Camilo Castelo Branco não é autor de meia dúzia de livros mas, como já foi dito, de uma autêntica biblioteca? Responde João Bigotte Chorão: *Se da extensa produção camiliana retivermos dez ou quinze livros, e esses forem os melhores, já não podemos dizer que não conheçamos Camilo. Nisto, como em tudo, vale mais a qualidade do que a quantidade. Ler pouco, mas ler bem. E, sobretudo, ler (e reler) o melhor* (in Camilo. A Obra e o Homem, p.77). Deixa-nos, assim, uma biblioteca ideal, na qual não podem faltar *Amor de Perdição* (1882), *Memórias do Cárcere* (1882), *A Queda dum Anjo* (1866), *Novelas do Minho* (1875-1877), *A Brasileira de Prazins* (1882), *Perfil do Marquês de Pombal* (1882), *Boémia do Espírito* (1886), *Correspondência entre Castilho e Camilo*, publicada em 1924. Encontram, com certeza, ainda espaço na prateleira outras obras que João Bigotte Chorão prefaciou ou posfaciou em edições modernas: *O que fazem mulheres*, *O Senhor Ministro*, *O Bem e o Mal*, *Camilo Íntimo*, *Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco ao Visconde de Ouguela* (Clube do Livro, Lisboa, 2012).

Todas mereciam aqui citação das notas que sobre elas escreveu, como leitor atento e amigo dedicado do escritor de Ceide. Seja-nos permitido apenas dar-lhe a palavra sobre um dos melhores romances de Camilo Castelo Branco. *De toda a ficção camiliana, A Brasileira de Prazins é o título em que, a nosso ver, o leitor encontra o melhor Camilo, tanto no sentimento forte como na viva ironia, e ainda na linguagem, ao mesmo tempo rica e castiça, linguagem que, por assim dizer, ele submete à sua vontade. Quem se abalancasse a organizar uma antologia de Camilo - e tão necessária seria ela! -, com que braçadas de boa prosa traria d’ *A Brasileira de Prazins* (in “Realismo de um escritor romântico” apud *O Espírito da Letra*, Fundação Lusíada, Lisboa, 2004, p. 41). E mais adiante: *Camilo era, afinal, mais moderno do que parecia. Sem contradizer-se, aproveitou do realismo o que convinha à sua visão do mundo, um mundo que ele conhecia bem - o do país real e rural, primitivo em seu modo de ser e de agir. Era um mundo que se regia todo pelo instinto e pela paixão de que nascem dramas a que não faltam sangue e lágrimas. Depois de ter feito a caricatura do realismo, que dizemos nós! do naturalismo, no *Eusébio Macário* e *nA Corja*, depois de castigar com o excesso o próprio excesso - nada mais pedagógico para o alcoólico do que o mostrar-lhe o espectáculo de um ébrio**



–, eis que *A Brasileira de Prazins* vem temperar com mão destra o que além fora escrito com mão pesada. E, assim, este romance será o melhor de Camilo, pelo equilibrado doseamento do real e do sentimental, do espírito irônico e da veemência dramática, da psicologia individual e do quadro de costumes. Se, quatro anos depois, Camilo ainda voltou à ficção com *Vulções de Lama*, poderíamos dizer que n*A Brasileira de Prazins* é que ele se despede do público, dos seus afeccionados, como um **diestro** em plena forma (**idem**, **ibidem**, p.43).

E eis que surge agora uma questão muito interessante levantada por João Bigotte Chorão, camilianista de alma e coração, antigo presidente da direcção do Círculo Eça de Queirós e colaborador do *Suplemento ao Dicionário de Eça de Queirós* (organização e coordenação de A. Campos Matos, Caminho, Lisboa, 2000), com um verbete que reza assim: “Eça romântico, Camilo realista”. Ouçamo-lo: *Quem, ao que parece, tem o mau hábito de ler os livros pelos seus próprios olhos e não por lentes alheias, quem, por outro lado, conhece in loco, graças à geografia literária, lugares que esses escritores descrevem, com traços rápidos, Camilo repousada e deliciosamente Eça, verifica, não sem surpresa, que os papéis se invertem. O romântico Camilo aparece, não raro, como realista e como romântico o realista Eça* (**in O Espírito da Letra**, p. 45). E, mais à frente, reforça esta ideia: *O dom de observação foi porém mais forte que a imaginação e o fantástico ou onírico, e esse dom é que faz do escritor romântico um escritor realista* (**ibidem**, p. 46).

Continua: *Mais interessado em contar expeditamente uma história do que em descrever, com minúcia, uma paisagem, uma casa, uma personagem, Camilo, quando se lhe impunha fazer alguma descrição, limitava-se, em geral, a rápidas pinceladas que diríamos impressionistas, se não fossem tão pobres de cor. Ele o reconhece quando escreve: “Sou avesso a descrições: muitas vezes o tenho dito. Saem-me todas pálidas e infieis por causa do esforço que faço a dar relevo aos traços”* (**in Estrelas Propícias**). *Com grande parcimónia, o novelista torna visual um rio, uma serra, uma casa, um rosto. O leitor como que vê o que Camilo descreve, com economia de meios, e espanta-se da precisão, digamos fotográfica, das imagens, se lhe acontece visitar lugares camilianos e cotejar o*

que tem diante dos olhos e os textos que relê in loco. “Aquela porta” (**in Noites de Lamego**) *ainda se conserva, tão real e nítida como a esculpiu Camilo, na remota aldeia de Bragadas, em Terras de Barroso. Assim a descreve o escritor: “Era o lavor mais primoroso que meus olhos tinham visto. Um luar brilhantíssimo alumia a vulto aqueles rendilhados, festões, laçarias, refendimentos, figuras e relevos do mais luxuoso cinzel. Era alteroso o portão. As ombreiras eram colunas recebendo nos capitéis uma cúpula triangular recamada de florões, com grande folhagem, de onde surdiam anjos dedilhando cítaras, e outras figuras emblemáticas, que eu não enxerguei se eram faunos ou santos”. O fojo do lobo* (**in Duas Horas de Leitura**), *para as bandas da Samardã, lá está como o viu Camilo e nós o vemos hoje, com o declive que impedia a fera opada de saltar o muro que a separava da liberdade e da vida. Lá está ainda as poldras nas margens do Tâmega em que Josefa* (**in Novelas do Minho**) *resvalou ao encontro da morte. O cortejo fúnebre, com o cadáver da moça bamboleando em ombros piedosos, iluminado pela luz indecisa dos archotes, esse cortejo, que lembra uma sequência cinematográfica, daria a escritores de génio visionário, como Oliveira Martins, matéria para uma grande página cenográfica. Não para Camilo. Nos seus melhores momentos, como nesse passo da novela “Maria Moisés”, o patético deriva da sua mesma sobriedade. Nessa nudez é que lhe reside o mérito, um dos méritos do Amor de Perdição. É ainda essa extrema contenção que faz da morte do lobo* (**in Eusébio Macário**) *uma das páginas supremas de Camilo e de toda a literatura portuguesa. Tudo ali está dito ou sugerido de modo tão tenso e intenso para que nos seja dado ver toda a cena e sentir um grande calafrio diante da morte, da terra desolada, da solidão e do medo pânico em que se defrontam o homem e a besta-fera* (**in O Espírito da Letra**, pp. 46-47). Mas não se fica João Bigotte Chorão pela análise das obras de Camilo. Leva-o consigo ao Brasil ao encontro de Machado de Assis, em “Terra Queirosiana”, como diz na conferência que proferiu na Universidade de Góias, em 1990 (**in Camilo Camiliano**, Rei dos Livros, Lisboa, 1993, pp. 101-121) ou provoca um diálogo com Miguel de Unamuno (“Camilo e Unamuno” **in Páginas Camilianas**, Guimarães Editores, Lisboa, 1990, pp. 57-69; e “Pas-

sos Castelhanos em Camilo” in Camilo Camiliano, pp.123-136). Camilo e Unamuno: dois escritores diferentes, mas idênticos no sentimento agónico da vida que, na existência e na obra de cada um, era a expressão particular de uma agonia mais vasta – a de um país e de uma época (**in Páginas Camilianas**, p. 68). Valoriza igualmente, ao fazer a apresentação de “uma antologia de Camilo” (**in Camilo Camiliano**, pp.78-85), o ensaio, *admirável ensaio*, de José Régio – “Camilo, romancista português”, **apud Ensaaios de Interpretação Crítica**, INCM, Lisboa, 2009, pp. 67-121 – raramente referido, mesmo por camilianistas encartados. E em todos os seus volumes de ensaios, a saber, *O Escritor na Cidade* (1986), *Galeria de Retratos* (2000), *O Espírito da Letra* (2004) e *Além da Literatura* (2014), sem citar os que trazem Camilo no próprio título – *Camilo. A Obra e o Homem* (1979), *Páginas Camilianas e Outros Temas Oitocentistas* (1990), *Camilo Camiliano* (1993), *O Essencial sobre Camilo* (1997) –, existem estudos ou ensaios sobre Camilo Castelo Branco que mereciam ser recolhidos num volume que lhe fosse inteiramente dedicado.

A livraria moderna só quer ter escritores vivos, com medo de se transformar num cemitério de autores mortos que, diariamente, vai, na horrorosa expressão bacoca, “descontinuando”. Ao contrário, a velha e sábia livraria antiga primava por ter autores vivos que podiam ser escritores que já tivessem falecido. Ou seja, escritores mortos. Nunca se ouviria dizer a um livreiro que um autor como Camilo Castelo Branco – um escritor do século XIX, isto é, do século passado ao século passado, imagine-se! – poderia ser “descontinuado”.

Foi certamente por isso que João Bigotte Chorão, que tanto preza as cartas de Camilo, se atreveu a escrever-lhe uma missiva que leu publicamente na camiliana vila de Ribeira de Pena, a 29-7-1989, integrada numa sessão das VI Jornadas Camilianas de Vila Real (**in Páginas Camilianas**, pp. 9-15), e que termina deste modo:

Não se vá embora, Sr. Camilo, ainda que seja grande a tentação de deixar este mundo patarata, continue connosco e escreva sempre. Precisamos de alguém como V. Ex.^a para não descer do futuro da nossa língua, da nossa literatura, do nosso próprio futuro. Há por aí quem, novelista celebrado, ande regougando que isso de escrever bem é nostalgia de escritor cediço, ainda para mais com brotoeja de contar, e saber contar, uma história de sentimentalidade forte onde se revê isso que chamam o homem português. O homem português, ora!..

De sorte que lhe peço, Sr. Camilo Castelo Branco, que não nos deixe, porque, só de pensar nisso, sofro eu e sofrem muitos um como sentimento de orfandade. Antes de começar a escrever estas breves notas, fechei a Amizade num quarto para que nelas não interferisse indevidamente. Mas esqueci-me de que ela também tinha uma chave. Por isso, saiu de lá, calma e sorratamente, e sinto-a agora atrás de mim com a mão direita no meu ombro a sorrir discretamente. A sorrir para mim. A sorrir para todos nós.



Ramiro Teixeira
crítico literário



Maria de Lurdes Gouveia Barata
doutorada em
Literatura Portuguesa Contemporânea

A Arte da Concisão

Do que conheço do autor, enquanto poeta, leva-me a considerá-lo como sonetista assumido na forma, mas não tanto no conteúdo afim ao modelo, que é o do classicismo. Ora, a meu ver, aquilo que melhor define Cristino Cortes é a expressão irónica com que conclui a sua produção poética - o que, por exemplo, é patente em "Música de Viagem" (2008), onde os sonetos de uma maneira geral acabam com versos de natureza aforística, identificados com aspectos de ameno quotidiano, aos rés das coisas, ou em singulares ironias afins à cultura literária.

Se de tais dizeres resulta a palavra essencial, seja pelo excesso ou pela concisão, não estou à vontade para o afirmar, quanto mais não seja porque a essencialidade da palavra não possui campo específico de expressão, manifestando-se tanto na poesia como na narrativa e no ensaio. O verbo, a palavra, na escrita não possui casa própria. Tanto cabe na oratória do Pe. António Vieira e nos "Cantos pisanos" de Ezra Pound, como nos poemas "hai-kai" de Bashô. Nesta perspectiva, quando se exprime a convicção de que *uma só palavra anula o vazio*, o que a fundamenta não é a forma textual onde ela se apresenta, mas sim o que ela possui de significado plural. Tal qual como o verso *Se quiseres ouvir o som da vida não faças barulho*, porque o som da vida é tanto o que repousa na interioridade do ser em silêncio, quanto o que advém em múltiplas variantes e escalas da própria natureza.

Refiro linhas acima o nome do poeta japonês, Bashô, criador dos poemas "hai-kai", consagrados universalmente como a expressão maior de concisão poética, pela razão desta nova obra de Cristino Cortes, sob o título *EIA Evidências, Inscrições, Aforismos*, com o seu quê de redundância, perseguir idêntico percurso.

Assim sendo, não deve o leitor admirar-se com a composição desta obra, que em rigor é composta pelas seguintes aberturas ou capítulos: *Inscrições*, onde dá a conhecer textos/versos de apenas uma linha; *Dísticos*, ou estâncias de dois versos; *Tercetos*, obviamente com estâncias de três versos; e *Quartetos*, sendo que nas três últimas referências o vocabulário por linha não vai além das seis unidades ou vocábulos. Em face do que antecede, o leitor menos avisado e com alguma aparente legitimidade, pode concluir tratar-se de uma obra de sentido criptográfico, hermenêutico, porventura demasiado vanguardista ou experimental.

Se assim o pensar, engana-se. Na verdade, a clareza e o sentido destas *Inscrições* é total, motivando bem a composição do título entre os vocábulos *Evidências* e *Aforismos*. Trata-se de composições minimalistas que em nada reduzem o significado e a potencialidade dos seus conteúdos. Não se trata de fragmentos ou de elipses, menos ainda de cortes sintagmáti-

cos, mas de criações rigorosamente controladas que voluntariamente abdicam de todo o excesso para afirmar uma verdade, ainda que algumas vezes de origem conceptual, as quais de acordo com o que de melhor define o autor possuem um remate de pura ironia. Assim:

O trabalho dos sapateiros arrasta-se pelo chão.

Linguagem do mudo: nada falar e dizer tudo.

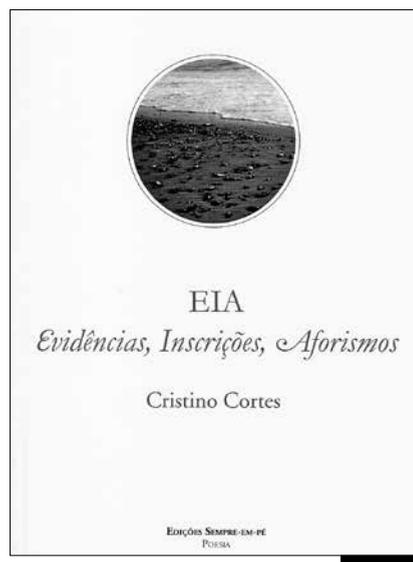
*Jamais saberás qual a medida certa
Se antes não provares o excesso.*

*Para morrer apenas é preciso estar vivo.
Não te descuides.*

*Nas conferências chatas
- e então a seguir ao almoço -
O melhor é o acordar.*

*Da experiência bem pouco lhe posso dar.
Melancolia e tristeza talvez.
De facto nada sei
- E mesmo disso não tenho a certeza.*

Julgo que estes exemplos de plenitude metafórica e aforística falam por si. E repare-se como eles se constroem sem perda da vinculação ao real quotidiano. Estes e outros exemplos de essencialidade possuem sempre por estrutura uma verdade insuspeitada na sua imediata concreção, e isso, afinal, atribui-lhes uma outra condição, que é o de retorno comprometido ao sentido espiritual da existência com ou sem ironia.



NOTA
(Ficha: *Eia. Evidências, Inscrições, Aforismos*. Cristino Cortes. Águas Santas, Edições Sempre-Em-Pé, 2013)

Turquesas do Olhar Amanhecem no Meu Olhar...

a minha palavra é sol, bulício e silêncio
(«Exaltação», p.53)

O silêncio abre um prelúdio, uma passagem que leva ao acto de revelar, é virtualidade de palavra, prepara um desvelamento e uma obra. Não houve um silêncio antes da Criação? Não haverá um silêncio no fim dos tempos? Envolve-se assim de grandeza imponente e cerimonial, torna-se *denso* e *mediúnico* (p.44). A luz da palavra ombreia com o silêncio e postula uma interrogação de resposta reveladora no mundo dos poetas, que «acariciam a luz» (p.11), sendo esse universo um «universo de dúvidas e silêncio» («A CONSTRUÇÃO INOCENTE», p.25), consubstanciando-se a eterna procura do poeta em dois versos de «LUZ SOBRE O ABERTO»: «Quando indagas o mundo e os seus enigmas, / indagas o silêncio, a bruma,». O silêncio anuncia liminarmente as metamorfoses e torna-se guardião de fogo e cinza: «No teu silêncio sobrevivem as tuas brancas / metamorfoses, a cinza esparsa, o fogo.» («A CONSTRUÇÃO INOCENTE», p.26).

A passagem das palavras dos poetas para a luz faz-se em *Turquesas do Olhar* com o fulgor da palavra de Maria do Sameiro Barroso, olhar dum poeta que lê olhares de outros poetas, cuja leitura transporta fulgurações de emoção, de sugestão de palavras que fecundam outras palavras por uma *epifania luminosa* («AS MENSAGENS DA AURORA», p.32), cúmplice na troca poética. É também cúmplice nas «cascatas fulvas» («LUZ SOBRE O ABERTO», p.14) tornadas luz nas palavras que se inscrevem voluptuosas e se acendem através duma «alquimia do júbilo» («A ASSINATURA DAS ORQUÍDEAS», p.40), por um bulício de inquietude de espírito, febril, inebriado no azul que o olhar divisa - um olhar de turquesa que puxa o sol e traz no âmago a repleção da luz e vem nos *girassóis que amanhecem* (p.49).

Turquesas do Olhar é janela de sol que proporciona o deslumbramento da palavra. Na simbologia de turquesa inscreve-se o sol e o fogo desde as mais antigas culturas e foi com uma serpente de turquesas que o deus guerreiro sol expulsou a lua e as estrelas, que, no contexto em que nos movimentamos, tem de ser lido como expulsão das trevas. O sonho torna-se guia, que intensamente Maria do Sameiro Barroso conduz e me faz dizer com as suas palavras poéticas (depois duma primeira leitura que exige a continuidade): «O sonho consome o delírio das trevas» («EXALTAÇÃO», p.53).

Fica o meu silêncio por agora.





Maria José Maya
presidente da Direcção da 8 Séculos
de Língua Portuguesa-Associação

8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação

Promoção da língua portuguesa e sociedade civil

Uma eclética viagem pela língua portuguesa ao encontro dos povos de mar e mundo é o desafio que é proposto a todos os falantes durante as Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa que se iniciaram a 5 de maio de 2014 e têm o seu término em 10 de junho de 2015.

Dos elementos aglutinadores que definem o espaço geoestratégico dos países de expressão oficial portuguesa, a língua oficial comum, o direito romano e o mar, atribuiremos à língua portuguesa a preponderância, enquanto veículo privilegiado de comunicação de múltiplas geografias e culturas. Falar na mesma língua que atravessa oito nações e uma região administrativa coloca-nos em proximidade em muitas latitudes, no plano dos afetos e sob o ponto de vista da comunicação, quando nos reportamos a um universo de cerca de 244 milhões de falantes, de acordo com as estatísticas da CPLP de 2012, o que confere aos falantes de língua portuguesa o raro privilégio de aceder a um espaço identitário rico, porque potenciado pela multipolaridade que o define no quadro das nações que a têm como língua oficial. Acresce que, neste espaço, cabe um papel determinante à sociedade civil, incontornável interventora na valorização, promoção e difusão da língua portuguesa que pode ser entendida como uma privilegiada plataforma sincrética de aproximação entre os povos, pela diversidade das culturas envolvidas.

No contexto do presente mapa político mundial, assistimos à criação de uma estrutura multipolar, a CPLP, no final do século XX, que vem propondo estratégias de atuação em política de língua, o que confere um novo enfoque à língua portuguesa e apela à intervenção da sociedade civil, em particular, pelo que desempenha um papel relevante, nesta esfera, o IILP - Instituto Internacional da Língua Portuguesa. Esta intervenção exige o conhecimento exaustivo das necessidades e potencialidades existentes no seio da comunidade, de acordo com as Resoluções 2004 e 2008 da CPLP, em particular, no que ao “desenvolvimento de estratégias de promoção da imagem de poder e de valor acrescentado da língua portuguesa” diz respeito, um dos eixos estruturantes emanados da 2.ª conferência da Língua Portuguesa no Sistema Mundial, em outubro de 2013 e chancelado pela Carta de Maputo de 2014.

Movem-se, hoje, estas organizações, num mundo multipolar, no quadro de uma cidadania solidária, protagonizada por sujeitos de responsabilidade e hospitalidade, enquanto espaço antropológico, gizado na complexidade das relações a que subjaz o sentido de responsabilidade e compromisso exigidos pelo tempo que vivemos, de acordo com Isabel Baptista, em *Dar Rosto ao Futuro* (2005). Interpelam as políticas sociais, transformando-as, o que requer “um saber implicado, um saber pedagógico e um saber mediado pela articulação dinâmica entre a esfera normativa e a esfera da acção”, como defendem Tomás da Silva Nunes, em *Colaboração escola-família: para uma escola culturalmente heterogénea* (2004), Isabel Baptista, em *Dar Rosto ao Futuro* (2005) e Joaquim de Azevedo, em *Liberdade e política pública de educação* (2011).

Imbuídas pelo sentido de comunidade, responsabilidade e hospitalidade e agindo em rede, as organizações da sociedade civil encontram hoje forma de reforçarem a sua ação congregando-se em lugares que a possam potenciar, de que é exemplo a Plataforma das ONGDs e a PASC-Plataforma Ativa da Sociedade Civil.

A 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação, organização da sociedade civil, sem fins lucrativos, entidade promotora das Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa, revê-se nesta dinâmica e promove a divulgação da língua portuguesa e das culturas que veicula, conferindo visibilidade aos contributos de pessoas e instituições envolvidas numa perspetiva que tem impressa a capacitação de comunidades e o apelo à valorização mútua, repto que nos chega através de Leonardo Boff, em *Saber Cuidar - ética do Humano - Compaixão pela Terra* (2011). A 8 Séculos de Língua Portuguesa-Associação envolve pessoas e instituições, num trabalho em rede, em parceria, com cariz policêntrico e em todas as geografias e, deste modo, a articulação em rede com entidades promotoras nos países e região administrativa de expressão portuguesa permite conferir expressão a uma vasta riqueza cultural e ao sentido de comunidade nesta língua de várias culturas.

Quanto maior o sentido de comunidade no espaço multilateral em que a língua portuguesa por si se move, mais eficaz, na nossa ótica, será

o papel da sociedade civil, assente no respeito pelas diferentes culturas que enformam a língua oficial comum, permeadas pelo cuidado que deveremos depositar nas relações entre os povos, o que contribui para a coesão social. A unidade da língua portuguesa constrói-se na diversidade cultural dos seus falantes.

Nesta língua de mar e mundo, as parcerias ocupam um lugar de relevo, porque potenciadoras da ação. No âmbito das Comemorações e num contexto multipolar, em cada um dos países e região de expressão portuguesa, existe uma entidade promotora que as interpreta e promove uma reflexão sobre a língua a partir da sua perspetiva cultural. A língua portuguesa representa um fator de coesão social para os povos que a falam e é plataforma comum de comunicação e cultura, traduzindo-se num valor no seio da união dos povos de expressão portuguesa e no contexto global, quanto mais intensa for a participação cidadã, em particular se se verificar em rede, em parceria e com cariz policêntrico, valorizando as comunidades que a compõem.

O papel da sociedade civil como nos diz Marx Weber, em *Teoria da Organização Social e Económica* (1997), revelar-se-á tanto mais necessário, quanto permitir ancorar as ações em prol do desenvolvimento das comunidades, ações estas “fundadas na solidariedade sentida (afectiva ou tradicional) dos participantes em constituir um todo”, traduzindo a unidade na diversidade.

Reportando-nos às iniciativas da sociedade civil que acrescentam valor às comunidades, nomeadamente à que aqui fazemos referência, as *Comemorações dos 8 Séculos da Língua Portuguesa*, aguardamos, com elevada expectativa, que os falantes de língua oficial portuguesa em todos os quadrantes e geografias se tornem os seus elementos propulsores, no sentido da promoção da nossa língua oficial comum, abraçando o respeito e o cuidado na esfera pública como valores primordiais nas relações que os povos estabelecem entre si, numa prática vivida de comunicação permanente, que se traduz numa ética que exige, na ótica de Maria de Lurdes Pintasilgo, “lucidez e responsabilidade, competência e afeto”, de modo a, como salienta Isabel Baptista poderemos conferir “rosto ao futuro”, no contexto da comunidade de países de língua portuguesa.



Paulo Ferreira da Cunha
lusofilias@gmail.com

Obstáculos à Democracia

A Democracia tem hoje não muitos amigos consequentes, uma multidão de falsos amigos, alguns inimigos jurados, e esbarra com alguns obstáculos. Falemos de alguns destes últimos:

Sectarismo

O sectário político pode não pertencer a uma seita, nem sequer ter ideias muito claras sobre “quem é, o que quer e para onde vai”. Acha, e muito consequentemente pratica, até a limites temerários (designadamente de eliminação simbólica e até física dos “inimigos”, “impuros”, etc.), que “quem não é por nós é contra nós”. Não confundamos sectarismo com fundamentalismo, que é conceito que nasceu em ambiente religioso, mas é uma forma especial de fanatismo.

Tem porém o sectarismo político uma *nuance* “religiosa”: mesmo o correligionário pode ser excomungado politicamente se não se encaixar na ortodoxia. Porém, ela pode nem ser dogma ideológico. Por vezes, é apenas pertencer a um grupo ou bando fechado, eventualmente uma facção dentro de um partido, que se quer, por exemplo “depurar”... Sectarismo é assim sinónimo politicamente de facciosismo, uma forma específica de intransigência e, evidentemente de intolerância (já nem se fala em convivência, porque o sectário precisamente, antes de tudo se separa dos outros, e separa os demais de si).

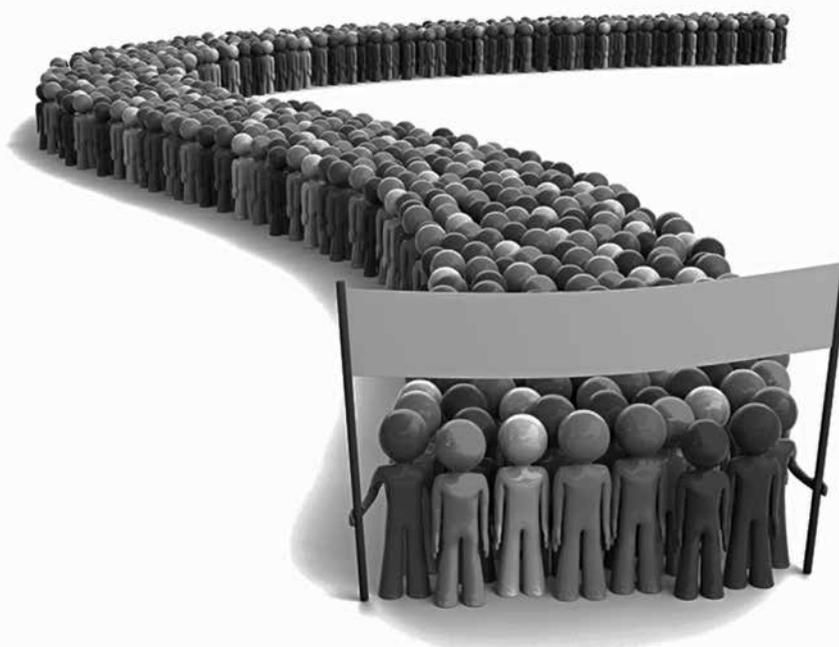
Opõem-se ao sectarismo, embora em termos latos, o irenismo e o laxismo, além do *nem-nem-ismo* político criticado já por Roland Barthes nas suas “Mythologies”.

O político “rolha” apto a todos os compromissos, ou o “camaleão”, são o contrário dos sectários: muito abrangentes e “consensuais”. Demasiado. Como ensinava já Aristóteles nas “Éticas a Nicómaco”, a virtude estará no meio. Neste caso, certamente entre o sectarismo e um consensualismo oportunista ou dissolvente no plano ideológico. E decerto eticamente condenável.

Falta de Educação

Foi noticiado não há muito que uma cidade da Bélgica iria canalizar cerveja. A cerveja belga é excelente, e por isso é uma ideia benemérita. Contudo, acho que por cá deveríamos pensar em canalizar chá.

Sim, a falta de chá de certas pessoas, mesmo em posição de prejudicar muita gente (e não falo de política, ou não falo só de política: há até um pu-



nhado de políticos com chá; o que é difícil manter nos dias que correm) é tal, que deveria haver uma terceira ou quarta torneira doméstica para se poder beber chá corrente...

Faz falta. Claro que essa falta de chá tão visível decorre de uma atabalhoada e injusta mobilidade ascendente que tem feito com que suba (ou permaneça no topo, mas isso é menos comum: há sempre que subir, mesmo que isso seja mais rápido para alguns, como lembrou Pascal) principalmente quem se assuma como um guerrilheiro. Antes de mais, sem a menor ideia das suas limitações intelectuais, de sensibilidade, de trato, de cultura, e de competência. O ávido não se enxerga. E está obviamente apto a esquecer todas as lealdades, sem o menor escrúpulo, desprovido de consciência e flexibilidade, apenas com a fanática vontade de subir e triunfar, e até algum gosto em espezinhar os outros. No fundo, é uma vingança para profundas frustrações. Isso não se coaduna com chá, só com sangue.

Degradação Mental

A propaganda, o sectarismo, o fanatismo, o ódio e as penas e vozes a soldo de interesses, a levianidade, o ter que dizer algo sempre e todos os dias, a vaidade da bela frase ou da ideia bombástica, a intrínseca falta de inteligência ou de capacidade de expressão, a falta de rigor, e a degradação dos meios de pensar em geral são responsáveis por uma crise mental profunda.

Tudo pode ser dito em democracia? Parece que sim. E ainda bem. Mas como a perfídia, o engano,

o ludíbrio não pagam imposto, a democracia tornou-se pasto de quem tem espaço na comunicação social. Ninguém vota para os lugares mais importantes que são os de fazedores de opinião. A democracia deveria ser ambiente para desabrocharem mil posições, contributos, ideias, mas todas inteligentes e construtivas. Diferentes, mas com pés e cabeça. Diferentes, mas sem segundas intenções. Diferentes, mas não a soldo de interesses.

Infelizmente, a Democracia não se defendeu nem dos escribas, nem dos *clerics*, nem dos *clowns*, nem dos tontos, nem da deseducação profunda e alheamento suicida do Povo. Como não se defendeu dos especuladores financeiros e dos agiotas.

Os demagogos e os que ganham com esta situação não querem sequer pensar em que possa haver honestidade, competência e clarividência na política. E coragem! E muito menos demofilia autêntica, baseada em democracia ética e participativa. Não uma sociedade de espetáculo.

Mas não chegam os inteligentes muros das lamentações, os manifestos, os abaixo-assinados, rasgos clássicos de flor na botoeira. Talvez salvem a alma dos autores, mas na verdade nem isso... É necessário que quem ainda tem lucidez e liberdade encontre forças e imaginação para acordar os que andam petrificadamente adormecidos: e tanto mais adormecidos quanto mais humilhados.

A Democracia precisa, contra os obstáculos, de democratas despertos.



André Lamas Leite
prof. da Faculdade de Direito da UP

Cartografia de cheiros e afectos numa prisão

BYUNG-CHUL HAN, no seu consagrado “A Sociedade do Cansaço”¹, atribui muitas das características das sociedades actuais (“pós-modernas”, “tardomodernas”) a uma positividade em excesso que acaba por provocar um tédio não criativo, repetitivo, em que os indivíduos competem consigo mesmos na busca da perfeição em uma sociedade cada vez mais atomizada. Aí estaria todo o catálogo de desordens mentais, descritas e não descritas no DSM-5 para o provar.

Vem isto a propósito de uma visita recente ao Estabelecimento Prisional (EP) do Porto. O convite foi-me endereçado por um sacerdote (Pe. Davide Matamá) que, no âmbito da “Pastoral Penitenciária”, tem a responsabilidade daquele EP. Pretendia este Amigo que, no âmbito da “Semana Cultural da Unidade Livre de Drogas”, falasse sobre educação e sua importância, em especial em ambiente de reclusão. Que janelas a educação, a cultura e a formação profissional podem abrir para o mundo extra-muros.

Cada local tem o seu cheiro e existe mesmo uma geografia dos olfactos. As ditas “instituições totais” (GOFFMAN) ou os locais típicos de uma “sociedade disciplinar” (FOUCAULT) têm, seguramente, dos mais fortes e que por mais tempo permanecem na nossa memória. Não era a primeira vez que passava o controlo de segurança, mas agora já não como advogado, mas como alguém que ia falar sem roteiro. E os barulhos. Na verdade, como tantos pensadores têm reflectido, o tacto, o olfacto e o paladar têm sido negligenciados, mesmo vilipendiados, em favor de uma tirania da visão - recordo o recente livro de TOLENTINO DE MENDONÇA, “A Mística do Instante”².

Partindo do meu caso pessoal, tentei demonstrar aos meus novos Colegas a importância do saber e da educação; como ao longo da História saber tem sido, em regra, sinónimo de “poder”, entendido este não tanto como “potestas longa manus” de um Estado mais ou menos policial, mas como capacidade de realizar projectos. Daí à educação, à necessidade de buscarmos activamente o conhecimento e, bom é de ver, com um docente de Direito Penal e Criminologia pela frente, a uma “radiografia” do sistema penal e penitenciário, foi



um passo. Em diálogo tranquilo, sem vitimizações, em que não se punha sequer em causa a justiça da condenação. Esse era já um dado adquirido e urgia (e urge) encarar o futuro.

Em visita ao EP, foi-me dito que a biblioteca era um local de liberdade, uma “janela para sonhar”, como mais tarde escrevi. E que os livros não abundavam. As obrigações do Estado são muitas vezes “de meios” e não “de resultados”, como dizemos em Direito... O mesmo se passava com o vestuário e o calçado. “É a crise” - as famílias antes traziam mais bens aos reclusos. Agora não podem e assiste-se ao crescimento rápido de uma certa população prisional: aquele(a)s que, impossibilitado(a)s de pagar uma pena de multa, cumprem prisão subsidiária, de 30 ou 60 dias, p. ex., ou mesmo em número inferior de dias. Que se faz com esta gente que, antes, eram, “in extremis”, salvos por quotizações de familiares e/ou amigos? Nada, ou quase nada.

A Constituição, o Código Penal, o Código de Execução das Penas e Medidas Privativas da Liberdade e vários instrumentos de Direito Internacional Público elegem a reinserção social como uma das finalidades das reacções criminais. Pode concordar-se ou não, mas se ela foi democraticamente tipificada, tem de cumprir-se. Já BECCARIA assinalava que nada há de mais pernicioso que criar leis que não se executam. Se assim é, como disse aos novos Amigos que fiz, o tempo de reclusão devia ser tempo de aprendizagem, de acompanhamento, de preparação para o que ESER magistralmente designou por “prevenção da reincidência”. Daí a formação profissional, os cursos superiores que se podem fazer a partir do EP, o acesso à cultura por via de meios como os livros.

Seendo eles em regra poucos nos nossos EP, surgiu o endereço no “Facebook” <https://www.facebook.com/livrosnasprisoas> para onde se arremontaram Amigos e estes outros, numa pirâmide de solidariedade e nunca de “caridadezinha”, a que somos todos militantemente alérgicos. Com a ajuda do Vasco Ribeiro, a comunicação social teve conhecimento desta campanha e tem-lhe dado um eco que se não esperava. Estamos, na altura em que escrevo, com cerca de quinhentos

livros recolhidos e esperamos mais até finais de Novembro, inícios de Dezembro. A entrega pode ser feita na Faculdade de Direito da U.Porto, na Rua dos Bragas, 223, de segunda a sexta-feira, das 9 h às 22 h, na portaria, aos vigilantes ou em caixotes que o “Grupo de Estudantes Voluntários da FDUP” tão bem adaptou. Um projecto individual é hoje uma realidade colectiva e que também aceita vestuário e calçado para adultos (homens e mulheres). Para além da vertente imediata de satisfação de necessidades básicas, há um intuito pedagógico em “Um livro na prisão: uma janela para voar”: demonstrar a todos que os reclusos são cidadãos que, excepto os direitos limitados em função do conteúdo do cumprimento das respectivas penas, mantêm os demais direitos intactos. Mesmo que não “rendam” muitos votos e que não sejam verdadeira prioridade na agenda de nenhum Ministério da Justiça. Uma reinserção proposta exige meios e não técnicos com trezentos a quatrocentos reclusos a seu cargo, muitos deles sem qualquer plano individual de readaptação. Mas exige, sobretudo, um amplo debate sobre o que se pretende de uma pena e se, mesmo em perspectiva utilitarista, não será preferível investir na prevenção da reincidência que na sua repressão.

Cada vez mais vamos tendo provas de que só a “sociedade civil” pode exigir e fazer as verdadeiras reformas. Este é um pequeno exemplo nesse caminho que se pretende de “cansaço inspirador”³.

NOTA

¹Lisboa: Relógio d'Água, 2014, *passim*.

²Prior Velho: Paulinas Ed., 2014, pp. 51, ss.

³BYUNG-CHUL HAN, *A Sociedade do Cansaço*, p. 55.



Estações D'Arte

Em nome da Arte

MARIA JOSÉ GUEDES

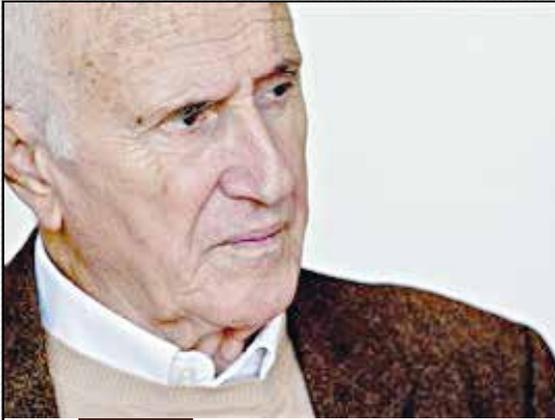
A Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso Pinheiro, em Águeda, é palco de uma colectiva de arte onde participam seis dezenas de artistas. Esta mega exposição que vai estar patente até 27 de Dezembro, contou na inauguração com casa cheia, mas o sucesso tem-se multiplicado ao longo dos dias e, na verdade, não há desculpa para perder este frenesim cultural que só termina no fim deste ano. Recordamos as palavras de Vieira Duque, conservador do Museu da Fundação Dionísio Pinheiro e grande impulsionador deste evento, na entrevista que recentemente deu ao AeL. "Estações D'Arte projeta-se no futuro para servir de mote a um conjunto de actividades culturais da Fundação Dionísio Pinheiro e Alice Cardoso

Pinheiro que num só momento do ano possa mostrar a Arte que se produz, nas diferentes vertentes da mesma, como espaço de reflexão. O objectivo é de trazer a Águeda, cidade periférica numa "geografia cultural" de certa acefalia contemporânea, num país que deveria estar em união e sintonia, a realidade artística actual e traçar ligações com Memórias, função primordial de um qualquer Museu, estabelecendo diálogos de valores e de desafios sociais, onde o Tempo recorre à sua ascendência primordial e atenta contra a inacção e a mediocridade. O que pretendo, pessoalmente, é que este seja o primeiro ano de muitas Estações D'Arte porque só assim será garantido o sucesso de qualquer iniciativa. Acredito que o futuro só possa ser garantido pela continuidade. Basta de projectos sem planificação e sem a envolvimento do amanhã. Trabalhar em museus ou es-

paços culturais sem esta visão de responsabilidade com os tempos vindouros e sem articularmos o passado, o presente e o futuro, ocasionará a continuação de actos isolados e ociosos de implementação comunitária. A missão que ambiciono para este projecto é enorme, tenho consciência disso, mas acredito na perseverança e na teimosia, tem sido o meu lema nesta Fundação e, felizmente, tenho tido o retorno da Administração, de grande parte dos órgãos sociais, dos Amigos e do público, que este ano já ultrapassa os 5 500 a entrarem pelas nossas portas!". Outonos Inquietos a invadirem os primeiros dias de Inverno, em Arte.



Da direita para a esquerda: Vieira Duque, Conservador; Mateus dos Anjos, Presidente do C.A.; Luísa Prior, Curadora; Duarte Fiadeiro Cifantes e Leão, Palestrante convidado



Alcino Soutinho

A exposição «Alcino Soutinho - Realismo Confortável» está patente até 30 de Novembro, em simultâneo, na Galeria Fundação EDP, Porto, na Casa-Museu Guerra Junqueiro, Porto, e no Edifício BPI (Boavista, Porto). Paralelamente, a 22 de Novembro haverá uma visita guiada ao Museu Amadeo Souza Cardoso em Amarante, e a 24 de Novembro, às 18 horas será prestada uma homenagem/tributo ao arquitecto Alcino Soutinho, no átrio do Edifício BPI (Boavista). Com entrada livre, esta é a primeira grande exposição dedicada à obra do arquitecto e que destaca também as vertentes de Alcino Soutinho no design, arte figurativa, ensino e activismo.

«Desassossegos e Outros Temas»

A Secção Regional Norte da Ordem dos Médicos, no Porto, acolhe a exposição «Desassossegos e Outros Temas». A mostra de pintura de Artur Santos pode ser visitada até 30 de Novembro.



De ti me escondo para te ver"

Exposição de fotografia da AMEAM

Clara Ramalhão integra com 12 trabalhos a exposição colectiva de fotografia artística, organizada pela AMEAM - Associação de Médicos Escritores e Artistas Moçambicanos. A mostra decorrerá entre 27 de Novembro e 12 de Dezembro, no Instituto Camões de Maputo/Embaixada de Portugal. A montagem da mesma seguirá um plano inédito do arquitecto Forjaz.

«Imaginarium»

A exposição individual de pintura de Aparício Farinha «Imaginarium» está patente na Galeria Tomás Costa (na Praça da Cidade), em Oliveira de Azeméis, até 22 de Novembro.



À Memória do Ângelo, 2014

«De Tempos a Tempos»

A exposição de Jorge Pinheiro «De Tempos a Tempos» pode ser visitada até 2 de Dezembro na Cooperativa Árvore, no Porto. A mostra, constituída por 35 obras, entre escultura, desenho e pintura, revela uma faceta mais geométrica e abstracta da obra do artista, para muitos, menos conhecida.

«Rostos e Percursos»

A Olga Santos Galeria, no Porto, tem patente uma exposição individual de desenho e pintura de Helena Dias. A mostra «Rostos e Percursos» pode ser visitada até 30 de Novembro, período durante o qual está ainda à venda, na galeria, o último livro de poesia de António Manuel Lopes Dias, «As esquinas do tempo».



«Mais que o sonho da passagem»

A propósito dos 150 anos de Veloso Salgado, a Galeria dos Leões, na Reitoria da Universidade do Porto, tem patente a exposição «Mais que o sonho da passagem», até 28 de Novembro. Paralelamente, decorre um roteiro de visitas de acesso livre, mas condicionadas a inscrição prévia (firms@reit.up.pt ou telefone 22 5518557), a instituições com ligações ao pintor: hoje (12 de Novembro), 19, 26 e 28 de Novembro.



Filhos do batoque, de Henrique do Vale

Exposição colectiva

Alvarenga Marques, Antero Ferreira, Henrique do Vale, Margarida Leão e Raquel Galheiro são os artistas que integram a exposição «Mestres da Contemporaneidade Artística». A colectiva está patente até 26 de Novembro na DaVinci art gallery, no Porto.

«Jardins»

A Galeria Vieira Portuense (Porto) acolhe a exposição de artes plásticas «Jardins». A mostra com trabalhos de Domingos Júnior pode ser visitada até 6 de Dezembro.



MELHOR PRIVATE BANKING EM PORTUGAL.

O BPI foi considerado *Best Private Bank* em Portugal nos *Global Private Banking Awards 2014*.

Esta classificação resulta de um inquérito realizado pelas revistas PWM e The Banker, publicadas pelo Grupo Financial Times, que introduziram em 2014, e pela primeira vez em Portugal, este prémio.

O BPI foi seleccionado com base numa avaliação efectuada por um painel de especialistas internacionais na área da banca e teve ainda em conta o estudo anual dos indicadores de desempenho para este sector, elaborado pela *Scorpio Partnership*.

Este prémio é da exclusiva responsabilidade das entidades que o atribuíram.

O BPI agradece esta distinção e tudo fará para continuar a merecer o reconhecimento do mercado.





Carlos Cabral Nunes
cabral_nunes@pervegaleria.eu

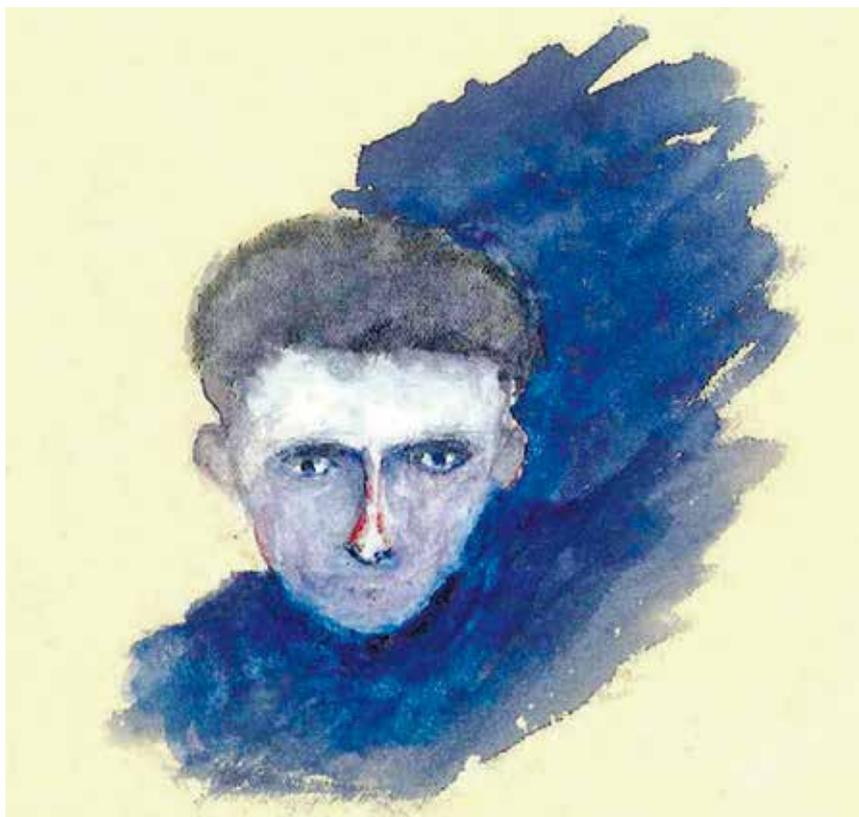
Palavras-Actos #63

Palavras-Celebração.

No momento em que escrevo, celebra-se o primeiro e intenso ano de actividades da CASA DA LIBERDADE - Mário Cesariny, tendo sido inaugurada no dia 31 de Outubro a exposição "TEIXEIRA DE PASCOAES - obra plástica, documentos inéditos e afinidades contemporâneas", que procura não apenas assinalar a data mas, especialmente, enaltecer a figura daquele que foi um dos mais notáveis autores portugueses, nascido em Amarante, corria o ano de 1877. Pascoaes, que muito contribuiu para o desenvolvimento poético e artístico do país - continuando referência fundamental para sucessivas gerações de artistas, pensadores e poetas. E essa celebração, feita em torno da sua obra, é tão mais eloquente quanto o autor foi um dos seres mais excepcionais e livres que por cá viveu, construindo o seu (e nosso) imaginário.

Pascoaes foi um dos expoentes do Saudosismo, movimento que reuniu outros grandes vultos da cultura nacional, no início do século passado, entre os quais António Carneiro, autor que lhe fez um retrato que se inclui na mostra, onde são apresentadas 50 obras inéditas de Teixeira de Pascoaes, evocando-se também sua ligação a Mário Cesariny - frequentador assíduo da Casa de Pascoaes, em Amarante, um solar que se tornou local de peregrinação de muitos intelectuais e autores nacionais e internacionais.

A exposição, patente até 20 de Dezembro, envolve também artistas contemporâneos, cujas obras foram realizadas especificamente para esta iniciativa com o intuito de homenagear o gesto picto-poético de Teixeira de Pascoaes. Enquanto sonhador-curador da referida exposição, quero aqui manifestar o meu profundo agradecimento a Alfredo Luz, Carlos Zingaro, Eurico Gonçalves, Fernando Grade, João Garcia Miguel, João Ribeiro, Jorge Pé-Curto e Manuel João Vieira, que aceitaram o repto que lhes dirigi, participando com todo o



entusiasmo, sem quaisquer hesitações, criando obras particularmente inspiradas, cuja ligação à plástica de Pascoaes é plenamente assumida, referenciada - para nossa plena fruição, pois que permitem estabelecer eventuais processos de construção sensitiva entre o universo proposto, o de Pascoaes e aquele que é o nosso, o de agora, tão distinto-distante, e, ao mesmo tempo, dele tão próximo, tão pleno-realizável.

Partindo do espólio da Casa da Liberdade - Mário Cesariny, foi possível integrar também obras de Carlos Calvet, Cruzeiro Seixas, Isabel Meyrelles e Mário Cesariny, cuja marca poética e o imaginário de Pascoaes são evidentes. Complementarmente, disponibilizam-se poemas manuscritos de Cesariny, com idêntica referência, e documentos inéditos, integrando cartas a ele dirigidas pelas várias gerações que habitaram a Casa de Pascoaes, onde é notória a profícua relação que existiu entre os dois poetas - e que marcou profundamente o desenvolvimento ulterior do Surrealismo em Portugal.

Esta mostra, que nos orgulhamos haver conseguido realizar, está igualmente inserida nas comemorações do Triénio Pascoalino - que envolve, entre outras entidades, a Universi-

dade de Lisboa, a Biblioteca Nacional e a Câmara Municipal de Amarante - que irão celebrar várias efemérides ligadas ao autor até 2017, ano em que se cumprem 140 anos sobre o seu nascimento e 65 sobre a sua morte. Sem a participação destas instituições, a exposição não teria sido possível, pelo que lhes devo também um agradecimento sublinhado, que aqui faço, pela inestimável colaboração. E como as instituições têm sempre rostos de pessoas que lhes dão expressão, é fundamental agradecer em particular a Sofia Carvalho, presidente da Comissão Organizadora, pela dedicação, empenho e engenho que soube emprestar na concretização plena deste difícil projecto expositivo.

A inauguração, que pode ser revista em www.pervegaleria.eu, contou com uma performance musical por Carlos Zingaro e David d'Assumpção Alves, num duo de violinos cuja composição, também ela, reflectiu essa afinidade que os autores contemporâneos, das mais variadas áreas de expressão, nutrem pela inigualável obra legada por Teixeira de Pascoaes. Aos dois músicos, pelo momento extraordinário que proporcionaram, aos artistas envolvidos, assim como a todas as pessoas que conosco colaboram, tornando possível a exposição, numa altura tão especial para nós, o nosso profundo reconhecimento e ao público que vier para (re)ver, descobrir Pascoaes, deixo uma palavra lapidária: Lembrem.

Lembrem esses traços mágicos, quando o inverno chegar ou quando, nas avenidas, só restar silêncio e pó / ou do mar, nenhum murmúrio, mas lembrem-se que, por detrás das seras, de vales e clareiras por florir, haverá sempre um riacho de águas cristalinas entoando, cantando, renovando melodias ou sussurrando o libelo adeus. Lembrem-se dos gestos, de cores todas; mas, sobretudo, retenham por determinante segundo, os sentidos nevrálgicos completando-se na plenitude daquele derradeiro olhar e lembrem-no. Pascoaes.



Mónica Baldaque
escritora



A Cidade e as Sombras IX

Aproxima-se o final destas minhas crónicas sobre a campanha para as autárquicas de 2014, em que estive envolvida - número três de uma lista que não venceu. Já passou tanto tempo, tudo ficou tão longínquo! E aquilo que foi sério empenhamento numa tarefa, como que pousou num deserto, e foi coberto pela areia trazida por um vento norte.

Tenho adiado a crónica sobre a nossa visita aos teatros da cidade - Teatro da Trindade, Cine-Teatro Vale Formoso, Teatro Sá da Bandeira, Teatro do Bolhão. Foram talvez os contactos que me deixaram mais sem ânimo, sem qualquer ideia. Os três primeiros, casas que tiveram tempos áureos, programações, frequência, hoje não têm um destino viável. O Teatro do Bolhão, instalado num belíssimo palácio do centro da cidade, onde ainda há vestígios das sedas das paredes e do ouro nas talhas, com vista para becos de casas destelhadas, arruinadas, debate-se com a fatalidade que são a escassez de verbas para concluir os trabalhos de reconstrução e adaptação. Um sonho do António Capelo, que se vai cumprindo muito lentamente, arrancados a ferros os meios para o concretizar. Um sonho quando se concretiza, deixa de ser sonho, e passa a ser um encargo. Mas é preciso sonhar, para entrar na realidade, e não para sair dela. Desejo-lhe todo o sucesso.

Francamente, não sei. Tudo parece preso por fios de cabelo. Fazer uma visita a um desses sítios emudecidos, sem público, sem luzes, sem as vozes do espectáculo, é como entrar num jazigo abandonado. Quando não devia ser: um teatro tem a sua alma própria, independentemente de se abrirem as cortinas de cena.

Reabilitá-los? Abrir-lhes as portas? Auto-sustentam-se? Há uma produção que os preencha? Há um público habituado a ir ao teatro? Exigente? Disponível? Há público?

A verdade é que desapareceu uma certa sociedade intermédia, diria, meio intelectual, meio boémia, que alimentava um diálogo e um compromisso com o *fazer as artes* e usufruir delas...

Não sei. Não sei. Só os países ricos, onde a cultura é uma tradição e não um folclore, se podem dar ao luxo de manter pequenos teatros, pequenas salas de cinema. Os países pobres têm de transformar tudo em recintos de mercado, onde as artes entram, disfarçadas de produto comestível.

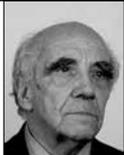
Quando saí do Teatro do Bolhão, o grupo da campanha dispersou-se, era hora de almoço, e eu caminhei sozinha, apreensiva, melancólica, pela rua de Sá da Bandeira, uma sombra do que foi, sem ter melhorado em nada. Ainda há a Casa China, que vende casca de laranja cristalizada como não há noutra sítio! Veio-

-me à memória a primeira peça de teatro a que assisti, muito pequena, com a minha avó, no Cine Teatro Vale Formoso: na fila da frente, assustou-me a cantoria de uma bruxa preguiçosa que em voz roufenha repetia: "Eu sou a velha ferrunfunfelha com grande telha, muito zarelha!" Mais tarde, aluna do Colégio das Doroteias, assisti no TEP (ali, naquela mesma rua), à peça *O Rinoceronte*, do Ionesco, encenada pelo António Pedro, com o João Guedes. Fui com a filha da Ilse Losa, a Margarida, que tinha uma paixão por ele, um galá! Era inverno, e eu levava vestida uma saia de pregas aos quadrados amarela e preta, com um top justo de veludo preto! Tempo, em que havia um tempo...

Aproximava-se o fim da campanha, como disse, e em cada saída para a rua eu sentia que os anéis de uma cadeia que formam toda uma estrutura social, se quebravam, multiplicando-se as dificuldades e diminuindo a esperança da utilidade. Eu via que numa sociedade onde cada vez há menos direitos, também cada vez há menos deveres, e isso privilegia o desinteresse, o desespero e os comportamentos violentos.

A realidade desfila à nossa frente, imparável, incontrolável, e que paciência é precisa para se estar informado, sabendo de ante-mão que não vale a pena.

Hoje estou assim. Não façam caso.

**Levi Guerra**

médico e presidente da
Direcção do Instituto Cultural
D. António Ferreira Gomes

Miguel Torga: nas Bodas de Ouro do Curso Médico

Já vivi este ano, com os meus colegas sobreviventes, os sessenta anos do nosso Curso Médico! Fomos apenas já só cerca de um terço do número inicial os que festejámos o fasto acontecimento! Nesse longo percurso da nossa vida médica, reunimo-nos sempre todos os anos e apenas falhámos três vezes, como se assinala num livro ciosamente mantido e onde se guardam as assinaturas das presenças, e um ou outro facto registado! Oh! Anos sucessivos de fastigosas vivências comuns de sã alegria e estúrdia! Sempre com a evocação religiosa e solene dos Mestres e dos Colegas desta vida partidos. Sempre a manter-se, nos que fomos ficando, o facho vivo da Medicina que é luta contra a dor e a morte, coluna viva da esperança no humano viver! Ao mesmo tempo, agora, o natural esmorecer das manifestações partilhadas, sempre sendo, contudo, ocasião e tempos de alegria por nos vermos, só já num breve convívio, rememorando o passado e partilhando o que se vive.

Miguel Torga foi o organizador das Bodas de Ouro do seu Curso, em 18 de Junho de 1983, deduz-se do que diz. (Diário XIV, pags.51/54). Proferiu um discurso que publica e que é uma extraordinária peça de humanidade e de consciência médica, no realismo expresso, e de grandeza na sua forma. Quero-me limitar a transcrever agora, apenas o que ele disse, dizendo que partilho plenamente da sua visão da vida, do que é ser-se médico, do que é ser-se amigo, do que é enfrentar-se a morte, do que é chegar-se perto do fim do existir pessoal, do que é nunca desistir de viver! Apenas os respigos do texto que revelem o que acabo de referir:

Há vinte e cinco anos, quando aqui nos juntámos também (no Buçaco, nas Bodas de Prata) estávamos ainda perto da mocidade e dos seus estouvamentos... Mas hoje podemos lembrá-lo, porque o tempo já nos fez compreender a exemplaridade de certos comportamentos, e que basta às vezes a sombra de um cedro e uma nesga de infinito para encher uma alma... (e evocando a memória contemplativa carmelita do lugar, continuou...) trago-a à colação para significar que a graça da existência é o dom supremo, e que nela o muito pode ser pouco e o pouco pode ser muito. Tudo depende desse muito e deste pouco...

E continuou: *... a reunião era um desafio que fazíamos ao destino... provava que, apesar do cansaço, dos achaques e das amarguras, continuávamos vivos. E a força desse sentimento bastava-nos para enfrentar aquele velho inimigo com altivez. Muito em-*



bora vítimas adiadas, durávamos ainda. Bem ou mal, o adversário tinha de contar com o sim e o não da nossa vontade. A morte só tem razão quando desistimos diante dela. E foi a morte que nós sempre combatemos, por ofício e devoção, de dia e de noite, até quando tudo parecia perdido...

E é ela que temos de continuar a combater, agora dentro de nós, lucidamente, a fintar-lhe as manhas e a crueldade, cordiais, compreensivos e de ânimo disposto a todas as provações...

Não somos o que fomos. Nem a mesma saúde, nem as mesmas ilusões, nem as mesmas vaidades. Mas sabemos distinguir o falso do verdadeiro, o sincero do insincero, e avaliar o préstimo de cada hausto, o tesouro de cada afecto, a amplitude de cada pulsação. Dantes devorávamos; agora saboreamos. Um minuto de hoje vale uma hora de ontem... Aonde chegamos, chegamos em plenitude.

... oiçamo-nos (pois) a exaltar galhardamente a bênção de estarmos acordados no mundo, a ver, a ouvir, a sentir, a pensar, e, sobretudo, a colaborar activamente, mesmo alquebrados (se for o caso!), no sempre renovado e sempre maravilhoso milagre da esperança.

Direi, com muita satisfação, que é este o espírito que anima a vida das pessoas no Instituto Cultural

D. António Ferreira Gomes e produz os resultados valiosos e valorosos que lá se geram.

Devo revelar que, no meu Curso Médico, o papel que desempenhou Miguel Torga no seu, foi desempenhado pelo meu colega e Dr. Rui Vaz Osório que, ligado a alguns mais, ao longo dos anos, foi o grande promotor das nossas reuniões e festejos, a ele se devendo todos os magníficos registos iconográficos que se possuem, e são preciosidade. Em nome de todos os seus colegas aqui lhe agradeço vivamente esse extraordinário serviço que a todos nós, e a nossas famílias, prestou. Ao Homem, ao clínico laboratorial de mérito, ao cientista, ao docente e ao líder que, com o pioneiro Jacinto de Magalhães, e após ele, desenvolveu entre nós todo o extraordinário labor na deteção, em recém-nascidos, de doenças metabólicas geneticamente transmitidas e tratáveis, no prestigiado Instituto de Genética do Porto, a minha homenagem sentida e orgulhosa de o ter assim, desde sempre, perto de mim, como colega e amigo!

NOTA

Este artigo deve ser considerado o n.º III



Artur Serra Araújo
argumentista e realizador

A Viagem dos Piratas

Às vezes não há nada como uma boa viagem no nevoeiro. O para-brisas transforma-se numa panorâmica tela branca e o som esforçado da tracção do motor envolve-nos num roncar hipnotizante. A um ritmo lento, demasiado lento, despropositadamente vagaroso e aparentemente seguro, vão surgindo os elementos que pautam o trilho que percorremos. A informação aparece aleatoriamente e o contexto que nos rodeia vai ganhando alguma forma. A nós resta-nos pacientemente procurar as linhas e deixarmo-nos guiar por entre a névoa espessa que nos imerge no abstracto. Gradualmente vamos ganhando algum conforto no desconhecido, começamos a adaptar a nossa visão à ausência de informação e a adrenalina é progressivamente filtrada até estagnar no ritmo da nossa condução. A resistência dissipa-se e pouco depois acontece o mesmo com o nevoeiro. Deixamo-nos ir até o denso manto branco se começar a esfumar junto ao solo. Aparece assim o alcatrão escuro que nos puxa com cada vez mais velocidade, até o horizonte ser uma realidade. Fartos do desconhecido e ávidos de mudança, vamos furando as nuvens com a vontade de um foguete, quando, e de repente, como se ficassemos curados de uma cegueira transtornante, damos de frente com a luz que constrói as cores do mundo. Viajamos agora ao nosso ritmo e o caminho é uma descoberta.

Às vezes não há nada como um filme assim. Daqueles que surgem em camadas e permanecem no nosso subconsciente. Mas infelizmente são cada vez mais raros. O espaço de exibição é constantemente assaltado por piratas. Sob o velho lema de tirar aos ricos para dar aos pobres, os piratas cinéfilos estão a espalhar gratuitamente os filmes por todos os lares do mundo. Arrancaram os limites e agora tudo desagua dentro dos parâmetros morais mais convencionais desde que o conhecimento se torne acessível e gratuito para todos. Colegas artistas e agentes comerciais rejubilam com os pacotes de internet de alta velocidade porque estes são sinónimo de desenvolvimento e transformação social. Os piratas navegam incógnitos pela net, roubam os filmes que conseguem e atiram-nos ao povo. Este, sem critério e extasiado por tamanha fartura de consumo, segura numa mão o comando da televisão e manuseia o rato do computador com outra, ao mesmo tempo que grita: Liberdade! A agressividade e a sede de ficção são tais que o imediatismo se impôs e aniqui-

lou o pensamento ou a absorção cinematográfica. Se o ritmo é lento, demasiado lento, despropositadamente vagaroso e aparentemente seguro, muda-se de canal ou “saca-se” outro filme. Devidamente acompanhado pelo respectivo frigorífico, o espectador começa a denotar algumas dificuldades em rir-se com a boca cheia ou a emocionar-se com um filme que acha que já viu em qualquer lado. Já não é preciso espreitar por uma tela branca numa sala escura, os piratas proporcionam todo um mundo criativo através do vidro de um computador ou da centena de polegadas do tele-

visor lá de casa. Mandou-se assim queimar os planos gerais ou as noções de escala, agora o espectador quer é close-ups e ver a cara do actor a entrar pela sala. Já nada o obriga a residir no desconforto ou a divagar no reduto fértil do criador de um filme. O povo é soberano e livre para escolher entre a oferta que o pirata amavelmente saqueou aos criadores gananciosos. Inevitavelmente a linguagem cinematográfica tem vindo a acompanhar as tendências desta “democratização” artística e estamos todos a transformar-nos em piratas do cinema, tornando-o cada vez mais pobre.



Ilustração de Mariana Baldaia



Gabriela Caldeira
estudante



Tempo: procura-se

Quinta-feira, vinte e quatro de Outubro de mil novecentos e vinte e nove. A par da chegada da grande depressão, o conhecido crash da bolsa de Wall Street, que mergulharia os países do mundo inteiro numa crise sem precedentes, chegava também ao continente americano a pintora polaca Maria Górska, de pseudónimo artístico Tamara de Lempicka, sem o saber que seria o seu primeiro dia de estada num país que lhe serviria como refúgio no tempo em que os regimes totalitários assomavam a Europa e em que a Juventude Hitleriana dava as primeiras passadas de marcha nos Alpes suíços. Mal sabia também a Mulher de Ouro, quando se deslocou de vez do Velho Continente para o Novo Mundo dez anos depois, em mil novecentos e trinta e nove, que o seu título de rainha da Arte Déco usurpado junto com a liberdade dos povos e que não teria visto de passagem. A mulher emancipada no seu automóvel, a perscrutora de um “cubismo neoclássico” e a musa das elites, uma vez encoberta sob um apelido nobiliárquico que lhe não era original e num mundo onde a vida passava três e quatro vezes mais depressa, não foi capaz de adaptar a sua técnica limpa e concisa às várias manifestações artísticas que sucediam umas após outras. “Rei morto, rei posto”... e se ainda mal tinha tido tempo para dar os primeiros passos no abstraccionismo - que é dizer a negação do trabalho de uma vida - já a pop art entrava com vigor no espólio artístico americano. Foi a “morte do artista”: reduzida a uma socialite que dava uns “toques” na tela, Tamara de Lempicka, agora baronesa Kuffner, deixaria de expor os seus traba-

lhos em mil novecentos e sessenta e dois, dezoito anos antes da sua morte. E, pode-se dizer, assim morre um artista sem antes ter deixado de viver. O desfecho da vida artística de Tamara de Lempicka, tão repleta de sucessos na pacatez do continente europeu, mais não foi que um dos muitos prenúncios daquele que viria a ser um dos muitos fenómenos que caracterizariam o mundo actual: a velocidade. Uma vez restabelecida a ilusão da paz e firmados os pilares da sociedade moderna, cedo se descobriu que esta se move a uma velocidade demasiado alta para se dar ao luxo de morar em casas... Por todo o lado explodem as ideias, os estilos, as modas e as correntes. E, neste mundo em constante ebulição, os homens vão marchando, um pé diante do outro, no relógio da mudança. Apenas já não são a Juventude Hitleriana e muito menos se encontram nos Alpes suíços.

Tamara de Lempicka não foi capaz de adaptar a sua técnica brilhante rápido o suficiente para acompanhar o ritmo artístico. A perfeição requer tempo, bem como o talento. E a pintora polaca conheceu o embrião do mundo que não abre as portas ao talento, muito menos à perfeição. Na verdade, nada poderá haver de tão inimigo do perfeito como a velocidade. Banalmente clamada como irmã do progresso, a velocidade surge mais como uma madrasta das velhas histórias que abafa a princesa enteada: hoje, por muito que nos façam crer o contrário graças à - novamente - velocidade da informação, não há o conceito de verdadeira evolução ou desenvolvimento. Isto porque não há tempo para desen-

volver o que quer que seja. As coisas sucedem-se umas às outras a uma velocidade vertiginosa e não esperam pela velocidade do pensamento sobre elas. O mesmo se pode falar no mundo artístico: hoje dificilmente encontraremos, no meio das dezenas de correntes que surgem todos os dias, uma que esteja verdadeiramente consolidada, pensada e construída. Há, isso sim, todo um extenso “menu” de ideias mal enfiadas. Exigem-nos a criação, mas não nos falam do rigor. Querem mais casas e já não sabem construir pilares. Mandam-nos virar páginas de um caderno em branco sem permitirem que o escrevamos. E num mundo em que abundam os títulos profissionais (os substitutos modernos da nomenclatura nobiliárquica. Hoje quantos têm o título de Mestre sem sequer terem exercido uma profissão ou sem conhecerem exactamente o peso do título que carregam...), damo-nos conta que, na verdade, devido à falta de aprofundamento das ideias, poucos são os verdadeiros profissionais de coisa alguma...

Precisamos de tempo e o tempo é o grande impulsionador da inovação, do brilho, da perfeição e da técnica. Quem almeja superar-se a si mesmo e, sobretudo, acredita num futuro melhor para os homens, terá que acreditar também na importância do tempo que é no entender de muitos, paradoxalmente, “perder tempo”. É necessário abrandar o compasso do “desconcerto do mundo”, como dizia o Poeta, para que possamos fazer música. E por que o estranhámos, se até a própria música é, ela mesma, também produto do pensamento e da razão?

Homenagem a José Rodrigues

A próxima sessão do Ciclo «Porto Culto do Século XX» tem José Rodrigues como protagonista. Realiza-se no dia 20 de Novembro, na Sala EA 009 da Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Porto (UCP) - Campus Foz, e conta com a mostra de algumas obras do escultor. Com início às 9h30 pelo presidente da UCP, Manuel Afonso Vaz, por Jorge Teixeira da Cunha, da Faculdade de Teologia da UCP, e por Celeste Natário, da FLUP. Esta sessão será moderada por Nuno Higinio, da Universidade Fernando Pessoa, Porto. Em seguida, Arnaldo de Pinho, do CEPP - UCP, abordará «Os Cristos de José Rodrigues». «A obra de José Rodrigues - modos de usar» será o título da comunicação de Laura Castro, do CITAR - UCP; Lúcia Matos, da FBAUP, falará sobre «José Rodrigues e a ESBA/FBAUP». Logo a seguir a uma breve pausa, Fátima Lambert, da ESSE - IPP, abordará «Estruturas Geométricas e Derivas Simbólicas: Obra [3D] - José Rodrigues» e Leonor Soares, da FLUP, exporá o tema «José Rodrigues: passagens discretas e indiscretas entre dimensões». Luísa Malato, da FLUP, falará sobre «O Teatro segundo José Rodrigues» e logo a seguir haverá espaço - moderado por José Acácio Castro, da FT - UCP - para o testemunho de Nuno Higinio «Há muitos séculos a mexer no barro». A sessão de encerramento (prevista para as 12h30) conta com as palavras de Jorge Teixeira da Cunha, FT - UCP, e de Maria Celeste Natário, da FLUP, e com um momento musical pela pianista Sofia Lourenço.

Nascido em Luanda a 21 de Outubro de 1936, José Joaquim Rodrigues é um artista plástico português, que fez os seus estudos artísticos na Escola Superior de Belas-Artes do Porto, onde concluiu o curso de Escultura. Com Armando Alves, Ângelo de Sousa e Jorge Pinheiro constituiu, em 1968, o grupo «Os Quatro Vintes». Foi um dos fundadores da Cooperativa Cultural Árvore, no Porto, e um dos promotores da Bienal de Vila Nova de Cerveira. Entre as suas obras mais conhecidas destacam-se o cubo da Praça da Ribeira e o Monumento ao Empresário na Avenida da Boavista, ambas no Porto.

O Ciclo «Porto Culto do Século XX» encerra assim com o Mestre José Rodrigues, tendo dedicado a sua primeira sessão a Alfredo Ribeiro dos Santos, médico e homem de dimensão cultural e intervenção cívico-política reconhecida por todos; tendo-se seguido um encontro sobre o poeta, ensaísta e tradutor português Fernando Guimarães. Recorde-se que o ciclo, organizado em parceria com o Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pretendeu realçar figuras do Porto que, «pela sua criatividade, nas mais diversas áreas abriram os horizontes da Cultura a uma superior forma de Humanismo».

Alvo de diversas homenagens mais ou menos institucionais, José Rodrigues é um nome incontornável na cultura nacional, com reconhecimento internacional. Ilda Figueiredo, vereadora da Câmara Municipal de Viana do Castelo, e o artista plástico Agostinho Santos são um exemplo dessas homenagens espontâneas ao Mestre, pois no livro que publicaram recentemente - e que teve o lançamento na Fundação a que José Rodrigues dá nome - «Lábios de Maçã em Abril» são-lhe dedicadas duas páginas (32 e 33) com o poema «Paisagem humana» e respectivo desenho:



Ilustração de Agostinho Santos

Paisagem humana

Do mar, ergue-se a névoa
que se espraia na silhueta da montanha
onde se ergue a memória do cervo
na peça que o artista trabalhou.
E os sussurros imemorais dos franciscanos menores
do convento de Sampayo
espalham-se ao redor
das sombras que se adivinham:
arte que desabrocha da festa da terra
em cada Primavera
ou trombeta de anjo na imaginação criadora
da mão, no trabalho de pedra,
que dá força à expressão
do mestre José Rodrigues.

No terreiro, é a arte que brota dos sons da concertina
dedilhada pelos músicos da serra
e alegre a escuridão da noite
com pirilampos mágicos
que iluminam corpos dançarinos
a saltar de telas para o terreiro
onde ganha forma
e se reproduz
a dúvida ancestral
de ser humano
e imortal,
quase tão só
como a violeta esquecida
no canto da sala
quando a festa acaba
e a porta se fecha.

Ilda Figueiredo

Cena Poética - 1.º aniversário

Há um ano, um punhado de amigos e “cúmplices” da Poetria, livraria viciada em surtos alternados de crise e salvação, ao longo de 11 anos de vida, veio em seu auxílio e, no sentido de lhe dar sustentabilidade e continuidade criou a associação cultural “Cena Poética”. Primeiro objectivo: assumir tudo o que ao comércio de livros não dissesse respeito, ou seja, a programação cultural que a Poetria desde sempre disponibilizou ao público, nas suas variadas formas de acção e gerar para a Poetria algum retorno financeiro com a partilha das receitas resultantes da adesão de sócios à associação.

Neste 1.º ano da Cena Poética e apesar da angariação de sócios estar longe de ser alcançada, o balanço é positivo nas actividades desenvolvidas até ao presente com regularidade e sucesso: sessões de poesia e música (o “2.ª sexta às 7” no Edifício AXA), lançamentos e apresentações de livros, bem como um workshop de “livros de cordel”.

Ponto alto foi o concurso literário que deu origem a uma colectânea de poemas sobre o amor, “O amor em visita”, primeira obra co-editada pela Poetria e a Cena Poética, que se repetirá este ano com o anúncio público previsto para a próxima “2.ª sexta às 7”, em 14 de Novembro, no Edifício AXA. Nesta edição o tema é: “O desassossego em visita”, igualmente na forma poética, sendo que o respectivo regulamento de participação será então divulgado.

Para o futuro a Cena Poética tem projectos, alguns mesmo inéditos (como a edição de um livro de poesia em escrita Braille), workshops de escrita para guião de teatro e filosofia para crianças, e a implementação de um grupo de leitura de textos de géneros literários diversos - conto, poesia, dramaturgia, literatura infanto-juvenil.

Para mais informações, nomeadamente sobre a forma de adesão como associados e respectivas



CENA POÉTICA
ASSOCIAÇÃO CULTURAL

vantagens, poderão ser utilizados os contactos: livraria.poetria@gmail.com ou cenapoetica@gmail.com.

Lembrar D. Maria Peregrina de Souza

No próximo sábado, 15 de Novembro, a partir das 15h30, o Auditório dos Trabalhadores da Portugal Telecom (Rua do Almada, 16), no Porto, será palco da palestra «D. Maria Peregrina de Souza, Escritora do Porto, no século XIX», por Maria Manuela Peixoto Baptista. A sessão promovida pela Associação Cultural Amigos do Porto conta ainda com um momento musical pela professora de harpa Maria Leonor Magalhães. Recorde-se que D. Maria Peregrina de Souza nasceu a 13 de Fevereiro de 1809 e faleceu a 16 de Novembro de 1894. A escritora - natural do Porto e que tem na Invicta uma rua com o seu nome - “assinava «Uma obscura portuense» nos textos que enviava para a Revista Universal Lisbonense, dirigida por António Feliciano de Castilho, em 1844/45”.

Apresentação de obra de Francisco Newton de Macedo

A «Obra Completa» de Francisco Newton de Macedo será lançada no Auditório Carvalho Guerra, do Campus Foz da Católica Porto, na próxima sexta-feira (14 de Novembro). A sessão de lançamento dos volumes, que conta com o apoio do Centro regional do Porto da Universidade Portuguesa, da Fundação Calouste Gulbenkian, do Centro de Estudos do Pensamento Português e do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, tem início às 18h30 e conta com Pedro Baptista para a apresentação.

Candidaturas abertas para Prémio Padre Américo

Estão a decorrer as candidaturas ao Prémio Padre Américo | Casa do Gaiato, instituído pela Modo de Ler - Centro Literário Marinho e a Obra da Rua - Obra da Rua, até ao dia 31 de Março de 2015. O concurso para os três melhores textos de estudantes do 12.º ano ou do ensino universitário sobre o padre Américo e a Casa do Gaiato “destina-se a comemorar os 70 anos do jornal «O Gaiato» e contri-

buir para a divulgação do pensamento e da Obra do fundador da Casa do Gaiato, Calvário e Património dos Pobres”. Ainda segundo os regulamentos, “o Prémio distinguirá os 15 melhores trabalhos sobre o Padre Américo e a Casa do Gaiato enviados para a Editora [Modo de Ler - Centro Literário Marinho, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 43-4050-293 Porto], em seis cópias”.

«Sem sobras»

No âmbito da adesão à «Semana Europeia da Prevenção de Resíduos’14», a Biblioteca Municipal José Marmelo e Silva (Espinho), em parceria com a LIPOR, está a promover este mês de Novembro o projecto «Sem sobras». Esta iniciativa consiste na recolha de sobras de pão nas padarias e restaurantes aderentes ao projecto, para posteriormente alimentar 100 galinhas que são vendidas na Feira de Espinho. Os munícipes também podem participar, deixando na Biblioteca Municipal as suas sobras de pão.

III Congresso de História da SCMP

Sob o tema saúde, ciência e património, a Santa Casa da Misericórdia do Porto promove o III congresso da sua História. Durante três dias (13, 14 e 15 de Nov.) vai poder assistir, na Casa da Prelada, a diversas comunicações de um conjunto de individualidades de assinatura reconhecida.

Abertura do ano lectivo na FLUP

Amanhã (13 de Novembro) vai ter lugar na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) a sessão solene de abertura do ano lectivo 2014/2015. A lição de Sapiência será proferida por João Teixeira Lopes com o tema «A Universidade e os seus Estudantes. Um olhar de dentro» e, à semelhança do que acontece todos os anos, serão homenageados os membros da comunidade académica que se aposentaram e todos os estudantes que obtiveram o grau de doutor. A sessão tem início às 17 horas, no anfiteatro nobre da FLUP, com entrada livre.

Dia Nacional da Juventude de Timor

No próximo sábado, 15 de Novembro, assinala-se, no Porto, o Dia Nacional da Juventude de Timor. As comemorações têm início às 10 horas na Tane-Timor - Associação Amparar Timor (Rua da Alfândega), e das 14 às 18 horas, na Casa do Infante (Rua da Alfândega). A iniciativa tem ainda o apoio da Aicem - Associação Amparar Timor.

12.º Grande Capítulo anual

No próximo dia 22 de Novembro, a partir das 17h30, decorrerá no Solar Condes de Resende o 12.º Capítulo da Confraria Queirosiana. Como sempre acontece, serão insigniadas várias personalidades, nomeadamente o presidente da Câmara Municipal de Vila Nova de Gaia, Eduardo Vítor Rodrigues, a historiadora de Arte Susana Moncívio, o empresário brasileiro Ricardo Addad e o realizador João Botelho. Ainda durante o encontro será lançada a Revista de Portugal n.º 11, na qual se en-

contram registados os trabalhos dos associados publicados em 2013, além das actividades da Confraria. Entretanto, o Solar Condes de Resende acolhe a 9.ª edição do Salon d'Automne queirosiano, onde expõem pintura, cerâmica e escultura os artistas profissionais e amadores da Confraria Queirosiana, estando também presentes trabalhos do seu Curso de Pintura que decorre no Solar às quintas-feiras. A mostra está patente até ao fim de Novembro.

132.º Jantar de Amizade Unicepe

No próximo dia 19 de Novembro inaugura, na Unicepe - Cooperativa Livreira de Estudantes do Porto, a exposição de pintura de Luísa Prior com poesia de Maria Virgínia Monteiro, às 18 horas. A mostra integra as comemorações do 50.º aniversário da cooperativa livreira. A partir das 19 horas realiza-se o 132.º Jantar de Amizade Unicepe (com inscrições para Unicepe@net.novis.pt e concentração na cooperativa). O programa continua na Fundação Eng.º António de Almeida (Porto) para o concerto do Coral de Letras do Porto e do Cantus do Rio, a partir das 21h30, com temas de Artur Paredes, Carlos Paredes, Octávio Sérgio, Rui Pato, José Afonso e Adriano Correia de Oliveira.

Traga-Mundos além-fronteiras

No domingo, 16 de Novembro, a Traga-Mundos participa com uma banca de livros, "mais algumas coisas e loisas", no Magusto da Fundación Vicente Risco, em Allariz (Ourense, Galiza). No dia 22, pelas 21 horas, a Traga-Mundos, em Vila Real, acolhe a apresentação do livro «Relevos» de Virgínia do Carmo, um dia depois (23) viaja até ao Porto para participar no I Encontro Livreiro do Porto e do Grande Porto, na Livraria Lello, pelas 15 horas.

Novas Conferências do Casino

Num momento de grande necessidade e urgência para o país, um grupo de cidadãos decidiu reeditar para o século XXI a experiência das Conferências do Casino do século XIX, então lideradas por Antero de Quental e participadas por figuras como Eça de Queirós e Adolfo Coelho. Com entrada livre e destinadas ao público em geral, foram programadas oito sessões das Novas Conferências do Casino, sempre no último sábado de cada mês, às 16 horas, no Casino Estoril. A próxima, no dia 29 de Novembro, terá como tema «Ciência, Cultura e Educação», abordado por Guilherme d'Oliveira Martins e Mendo Castro Henriques.

«Não dá trabalho nenhum»

O TEP - Teatro Experimental do Porto leva à cena «Não dá trabalho nenhum», de 20 de Novembro a 11 de Dezembro, no Auditório Municipal de Gaia. Encenado por Gonçalo Amorim, que é também autor do texto com Inês Pereira, João Miguel Mota e Rui Pina Coelho. Com um excerto de «O Pato selvagem», de Henrik Ibsen, o espectáculo é para maiores de 12 anos.

Digressões da ON

No próximo dia 14 de Novembro, o Coliseu do Porto será o palco da Orquestra do Norte, a partir das 21h30. Segue-se Lisboa: no Meo Arena no dia 20, às 22 horas, e um dia depois (21), pelas 21 horas, na Aula Magna. À Casa da Cultura de Mogadouro chega a 22, às 21h30, e a 27 regressa ao Porto, ao Auditório da Faculdade de Engenharia do Porto, a partir das 21h30. Guimarães acolhe o último espectáculo da ON deste mês, no Centro Pastoral Moreira de Cónegos, às 21h30.

Continua a debater-se Cinema a Norte

A programação do ciclo «SPA: Cultura a Norte» prossegue no dia 15 de Novembro, no espaço atmosfera M, no Porto, sob o tema «Fotogramas Musicais». O programa divide-se em duas partes: na primeira, serão executados, ao vivo, quatro temas musicais de diferentes épocas do Cinema e será feito o enquadramento temporal de cada tema; o segundo momento será composto por um colóquio em torno do que é, para que serve e como se faz a música para o Cinema. No dia 22 é a vez de Espinho e do Cinema de Animação, através do festival Cinanima, sendo aproveitada a sessão, no Auditório Nascente, para falar deste tipo de cinema e exibir o filme vencedor do Festival de 2014. A última sessão do mês (a 29) «Memórias e futuros cineclubísticos» decorrerá na Casa do Infante, no Porto. Todas as sessões, com entrada livre, realizam-se às 16 horas.

Recuperação de Convento de Vilar de Frades nomeada para Prémio Internacional

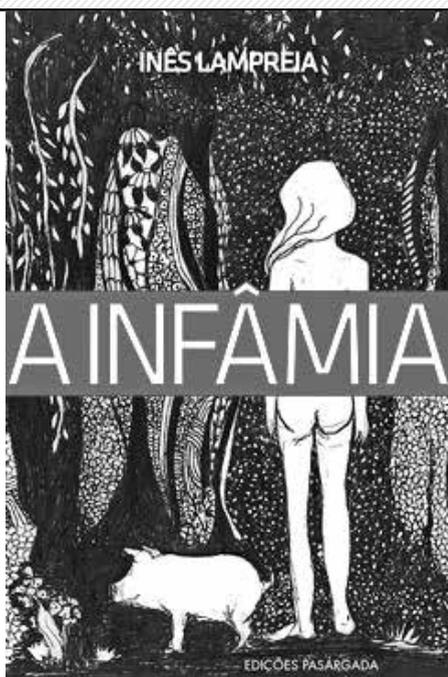
A reabilitação do Convento de Vilar de Frades, em Areias de Vilar, Barcelos, promovida pela Direcção Regional de Cultura do Norte, está nomeada para os prémios AR&PA de Intervención en el Patrimonio Cultural 2014, no âmbito da AR&PA - Bienal de Restauro e Gestão do Património, a realizar entre 13 e 16 de Novembro, em Valladolid. Após a nomeação para os prémios AR&PA, a intervenção de reabilitação será apresentada no decorrer da Feira, sendo que os vencedores serão conhecidos durante a cerimónia de encerramento do IX Congresso Internacional AR&PA, no dia 15 de Novembro.

Mostra de doces e licores em Alcobaca

A partir de amanhã (13 de Novembro), arranca a Mostra Internacional de Doces e Licores Conventuais em Alcobaca. O certame, que vai na XVI edição, decorre até domingo (dia 16).

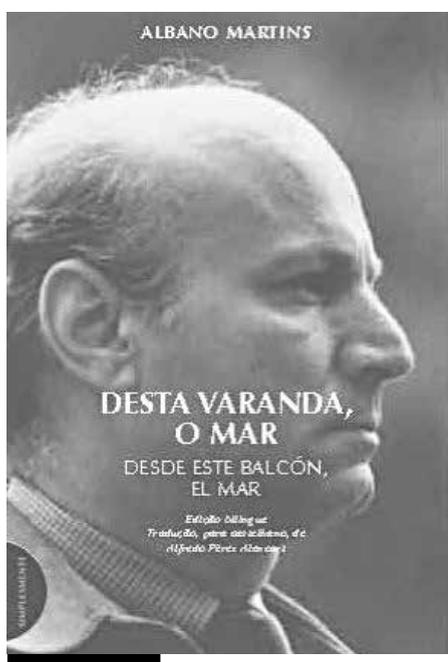
Lançamento de «Parcours/ Percursos»

A obra «Parcours/Percursos», edição bilingue em Francês e Português, de Manuel Sousa Fonseca será apresentada será lançado no dia 14 de Novembro, no Auditório da Biblioteca Municipal de Fafe. A apresentação será feita por José Machado, às 21h30.



«A Infâmia»

O lançamento de «A Infâmia» tem lugar no dia 27 de Novembro, pelas 21 horas, na Galeria Monumental, em Lisboa. «A Infâmia», de Inês Lampreia transporta-nos, através de intensas personagens e imagens, para um universo psicológico e emocional aparentemente simples que logo nos demonstra submergir nas mais densas e perturbantes falências, vicissitudes e condicionalismos da acção humana. O livro terá nova apresentação no dia 6 de Dezembro na Biblioteca Municipal Manuel da Fonseca, Santiago do Cacém.



«Desta Varanda, o Mar»

A sessão de lançamento da obra «Desta Varanda, o Mar / Desde este Balcón, el Mar» terá lugar no próximo dia 21 de Novembro, pelas 18h30, no espaço atmosfera m, no Porto. A obra, de Albano Martins, é bilingue e editada pela Simples Mente - Associação para a promoção da arte, da cultura e da escrita criativa.

«Escrito na cal & outros lugares poéticos»

Com textos de vários nomes destacados das artes e das letras sobre o artista Armando Alves, «Escrito na cal & outros lugares poéticos | Armando Alves [o amigo e o artista]» foi lançado recentemente. A obra, uma edição da Modo de Ler - Centro Literário Marinho e com Prefácio de Isabel Pires de Lima, é composta por textos de Eugénio de Andrade, José Saramago, Urbano Tavares Rodrigues e Vasco Graça Moura. Mas também de Albano Martins, Miguel Veiga, Francisco Duarte Mangas, Jorge Velhote, e muitos outros escreveram sobre Armando Alves.

“Dir-se-á, tratando-se de arte e de artista, que a designação mais adequada seria a de criador, palavra que leva associada a ideia de uma coisa que



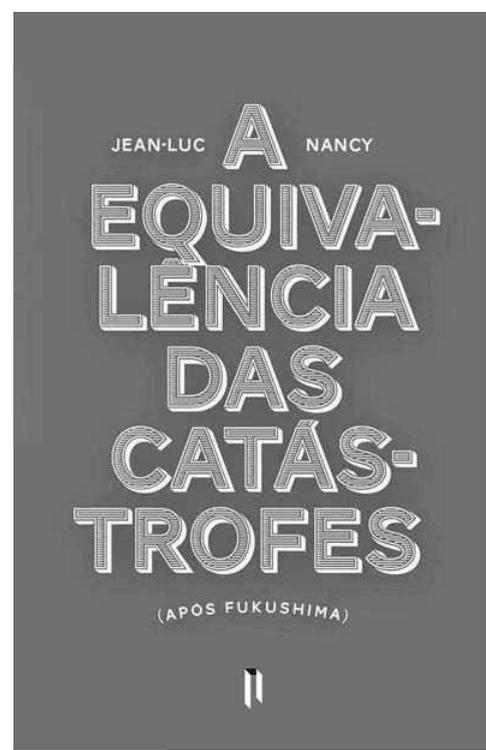
teria sido produzida a partir do nada, o que, naturalmente, só lhe exaltaria o prestígio. Em termos simples: isto que aqui está, não estava antes, portanto, foi criado, portanto, alguém o criou”. Assim começa o texto de José Saramago, intitulado «Armando Alves, Inventor de Céus e Planícies».

Grande prémio da APE

O livro «Acta est fabula - Memórias I - Lourenço Marques (1930-1947)», da autoria de Eugénio Lisboa, edição da Opera Omnia, é o vencedor do Grande Prémio de Literatura Biográfica 2012/2013, da Associação Portuguesa de Escritores, na categoria de Biografia, Autobiografia, Memórias e Diário. Deliberando por unanimidade, o júri foi constituído por José Correia Tavares, que presidiu, António Cândido Franco, Isabel Cristina Rodrigues e Teresa Martins Marques. Este galardão, bienal, admitiu ao concurso 44 obras de escritores portugueses, publicadas por 26 editoras, nos domínios da biografia e autobiografia, de memórias e diários.

«Entrepoemas»

O livro de poesia de J. Alberto de Oliveira «Entrepoemas», foi lançado recentemente. “Entrepoemas é um estado afectivo. Uma sobreimpressão de imagens, lembranças e pensamento. Ou talvez seja apenas um lugar do devir. Uma espécie de tela onde figuram os luxos da alma. Um dia chamar-lhe-ei *amoris causa*.”



«A Equivalência das catástrofes»

O livro «A Equivalência das catástrofes | (Após Fukushima)», do filósofo francês Jean-Luc Nancy, traduzido para Português por Jorge Leandro Rosa, teve apresentação em Portugal. Sobre o livro, algumas palavras do posfácio da autoria do tradutor: “Longe de estarem confinadas à infinita desolação ou à derradeira aniquilação, as catástrofes aparecem na existência. As catástrofes não são pura dissolução dos entes e das suas esferas de existência: agem na proximidade do vulgo, que sempre as escutou, adivinhando aí as deslocções de uma imanência que o ameaça. São os humanos que se tornam vivos «genéricos», ainda não ou já não povo, esses que, sendo do «comum», conhecem a exposição às catástrofes e lhes sobre-vivem”.

Crónicas da Cidade de Dentro

O mais recente livro de Helder Pacheco «Porto: Crónicas da Cidade de Dentro -Comemorando 25 anos de crónicas no Jornal de Notícias» foi lançado recentemente. Helder Pacheco assina também o Prefácio, do qual aqui ficam excertos:

«Eu sou a cidade que trago dentro de mim».

Albano Estrela, Memórias de um Portuense Arrependido

(.../...) Como em muitas, inúmeras coisas que se atravessam nos nossos horizontes, numa cidade há sempre duas cidades: a de fora e a de dentro. A de fora é a de todos os dias. A habitual, que os olhos vêem. A dos aromas fragrantados e dos maus cheiros, dos ruídos, dos muros fechados e dos espaços abertos, das ruas com as casas antigas e modernas, das pressas e corridas a agarrar as horas, das bonitezas e das fealdades, que nos seduzem ou repelem. A cidade de fora está cheia de esquinas de lugares e de referências concretas. É o território que nos envolve, nos encadeia, nos encerra, oculta ou enaltece. É a medida dos nossos limites, na dimensão da turba ou do silêncio, da azáfama ou do desapego das solidões que povoam «as ruas monótonas do bairro, / quase invisíveis de tão habituais» (Jorge Luís Borges, fervor de Buenos Aires, 1923). (.../...).

A cidade de fora é a nossa encadernação, a marca da nossa passagem, o limite da nossa permanência, a fronteira da nossa persistência. O alfa e o beta do quintal que nos coube em herança de família. O cemitério dos nossos mortos, o palco das caras conhecidas e a boca de cena onde

aparecem as desconhecidas. É o desafio da nossa adaptação à realidade ou da nossa repulsa pelo que nos desagradava. A cidade de fora é o caixilho da nossa escolha de habitar a vida. É a margem da revelação e a oportunidade do encontro. É o toque, o contacto, o amplexo na pluralidade do mundo que nos serve de morada comum. A morada dos homens.

(.../...) Estas crónicas são, diga-se, retratos ou expressões de estados de espírito. Ora repousados na contemplação dos acontecimentos, ora agrestes na verificação dos impasses que nos atam à tacanhez e ao pântano, ora propondo acções, iniciativas e atitudes em benefício da colectividade. Crónicas não subordinadas a capelas, confrarias, círculos, seitas, lóbis, grupos ou sacristias - digo políticas, culturais ou sociais. São crónicas à flor da pele, reactivas (ou, como agora é selecto dizer-se, pró-activas), doces ou azedas conforme os ânimos, os ventos, as motivações que o contar das horas vai sugerindo. Crónicas independentes, com muita honra, e limpas de sujeições ao politicamente correcto ou ao que socialmente calha bem e parece bem. Como escreveu Garrett (de quem muito me apraz ser humilde e apagado aprendiz): «Tenho aqui umas couves galegas que vou depeinando para o cal-



do de todos os dias com que Deus ainda acode à gente». Estas crónicas são, assim explicadas, as couves galegas da minha insubmissão de juízos e convicções. E o caldo de unto do meu distanciamento dos corredores dos poderes. De todos os poderes.

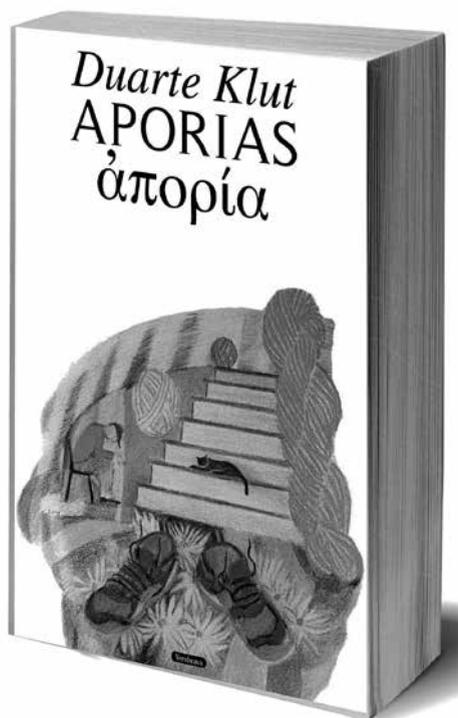
São crónicas, portanto, não subordinadas a nenhuma música de ouvido, excepto aquela que é música para os meus ouvidos, ou seja: o serviço da causa pública ou aquilo a que meu pai, homem honrado e republicano (.../...), considerava o Bem Comum.

(.../...) Mas também não vale a pena perder tempo com as metafísicas que sustentam as razões destas crónicas. Justificá-las ou, sequer, comentar o impulso que as empurrou para a luz do dia. Estão aí, com as suas justezas, erros, enganos, paixões e imperfeições. São o que são e pronto, nada mais há a fazer e a dizer.

Novo livro de Duarte Klut

«Aporias», o novo livro de Duarte Klut, será apresentado no dia 22 de Novembro, pelas 16 horas, no Arquivo Municipal Sophia de Mello Breyner, em Vila Nova de Gaia. O livro e o autor serão apresentados por Conceição Lima, coordenadora do programa «Hora da Poesia» da Rádio Vizela. Por seu lado, a professora Maria Luísa Malato assina o prefácio da obra:

«O livro de Duarte Klut pretende sublinhar algum carácter inconclusivo, aporético, que há em tudo, já que, na vida como ao longo do dia, fazemos o que temos de fazer, como se de uma obrigação exterior se tratasse, sendo todavia decisão nossa mexer os cordéis da marionete que somos: «Hoje: «Sou.../ Estou/ Vou -/ Ali.../ Amanhã:/ Serei ?/ Estarei ?/ Irei -/ Lá?/ Depois, / talvez, / não poderei.../ Não estarei -/ Cá/ Não sei!?»... O sentido aporético do dia vem dessa percepção da vida como círculo vicioso, de cujo vício se pode sair unicamente detetando o círculo. A vida é essa aporia primeira, «caminho sem saída», «impasse», «to be or not to be», ser ou não ser, estar ou não estar: uma repetida ponderação de forças contraditórias que se igualam na fala ou escrita de um autor, inde-



pendentemente do nível ou das características literárias, enchendo cada hora de perguntas: «Vou vivendo. Será que vivo?». A questão para Duar-

te Klut deixa de ser estética: «não interessa tanto se é feio ou bonito». É essencialmente semântico-ética: («Não confundir conceitos, / desviar-se dos apertos, / seguir caminhos rectos»). Seguindo os conselhos de Derrida e de Paul De Man sobre o discurso aporético, deixemos que seja o Leitor o fim último da semente da indeterminação. É o Leitor quem se vai obrigando à desconstrução do público e do íntimo, do importante ou do fútil, colocando no mesmo prato da balança a força actancial e a pequenez do indício. Ao Autor coube aparentemente só dar-se inteiro e despojado: «É preciso despir - o corpo, a alma - para se existir». De alguma forma, aquilo que parece ensinar o caminho que vai da aurora à noite é a aceitação do fatal: a limitação, a perda, o envelhecimento, a morte. Por isso, no caminho percorrido ao longo do dia, a poesia é aqui uma arte do despojamento, e não do ornato. A Poesia/ Vida/ Dia é a arte/tratado da negação e não da afirmação: «Deixarei de opinar/ Renunciarei a me iludir», «Saber dizer não», «Não mintam», «Nunca buscai a máscara», «Não sonhes/ Age/ Reage», «Esquece o tempo - que célere por ti passa»...».

III CONGRESSO DE HISTÓRIA DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DO PORTO

SAÚDE, CIÊNCIA, PATRIMÓNIO

Programa

13 DE NOVEMBRO

09h00

SESSÃO DE ABERTURA

Apontamento Musical
Intervenção de António Tavares, Provedor da SCMP
Intervenção de Francisco Ribeiro da Silva, Mesário da SCMP e Presidente da Comissão Científica do Congresso

09h30 - 11h15

I SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: António Tavares, Provedor da SCMP
Os doadores e a estruturação dos serviços de assistência espiritual e corporal da Misericórdia do Porto (séculos XVI e XVII)
Isabel dos Guimarães Sá (UM/ICS)
Património e atividade da Misericórdia do Porto na primeira metade do século XVI: os meios e os fins
Luís Miguel Duarte (FLUP/CITCEM) e *Fátima Machado (EB 2,3 Lousada Norte/CITCEM)*
As visitas e as devassas ao hospital de São Marcos de Braga (séculos XVII-XVIII)
Marta Lobo (UM/ICS)
Os mercadores do Brasil e a Santa Casa da Misericórdia do Porto (séc. XVIII)
António Barros Cardoso (FLUP/APHVIN/GEHVID)
Intervalo

11h30 - 13h15

II SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: Luís Miguel Duarte (FLUP/CITCEM)
Transgressões femininas no Recolhimento da Misericórdia do Porto, 1732-1824
Maria Antónia Lopes (FLUC/CHSC/CEHR)
Colégio de Nossa Senhora da Esperança: contributos para a sua história
Ana Sílvia Albuquerque (UPT/CITAR/APHVIN/GEHVID)
A "cholera morbus" no Porto (1833)
Aníbal Barreira (FLUP)
O Legado do Conde de Ferreira e o Hospital de Alienados na reconfiguração da filantropia tradicional
Jorge Fernandes Alves (FLUP/CITCEM)
Almoço

14h30 - 16h00

MESA-REDONDA

Caridade e Património - conceitos e práticas nas Misericórdias Portuguesas (estudo de caso a SCMP)
1.ª Mesa-redonda - Caridade
Moderador: Pedro Teixeira (FEUP)
Isabel dos Guimarães Sá (UM)
Maria Helena Osswald (FLUP)
Maria Antonieta Cruz (FLUP)
António Matos Ferreira (UCL)
Intervalo

16h30-18h00

2.ª Mesa-redonda - Património

Moderador: Pedro Teixeira (FEUP)
Inês Amorim (FLUP)
Marta Lobo (UM)
António Almodôvar (FEUP)
Virgílio Pereira (FLUP)

18h00

Inauguração da Exposição

"Casa da Prelada - memórias de um espaço"

14 DE NOVEMBRO

III SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

09h00-10h30

Presidente da Mesa: Jorge Dias, Mesário da SCMP

Génese, construção e funcionamento de um sanatório. Ecos na imprensa (1915-1919)
Anabela Amaral (Escola Secundária Dr. Joaquim Ferreira Alves/FPCEUP)
Margarida Louro Felgueiras (FPCEUP)
Centro de Reabilitação do Norte: a gestão do conhecimento da SCMP ao serviço da comunidade!
Deifim Sousa (SCMG)
A vacinação pelo BCG em Portugal: da origem a meados do século XX
Ismael Vieira (CITCEM)
O Balneário Público do Hospital de Santo António
Sónia Faria (CHP)
Intervalo

11h00-12h30

IV SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: Deifim Sousa (SCMG)
A Fons Vitae da Santa Casa da Misericórdia do Porto. Abordagem crítica
Dalila Rodrigues (CCB)
Expressões faciais no Fons Vitae
Ávaro Ferreira da Silva (SCMP) e *Armando Freitas-Magalhães (UFP)*
A "Visitação Maior" de Diogo Teixeira: estudo técnico e material
Maria João Sousa (UCP)
O casal Lima e a Santa Casa da Misericórdia do Porto
António Mourato (UL)
Almoço

14h30-15h45

V SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: Joaquim Gonçalves Guimarães (Solar Condes de Resende/GEHVID/CITCEM/Confraria Queirosiana)
Luz, Cidade e Património. Duas propostas de Desenho de Iluminação Arquitetural para as fachadas da Igreja da Misericórdia do Porto e Casa da Prelada.
Norberto Ribeiro e Marta Oliveira (Studio n&m - Lighting Design)
A Misericórdia da rua das Flores no século XVI: implantação urbana, antecedentes tipológicos e relações com a arquitectura e cultura arquitectónica do Porto da sua época
José Ferrão Afonso (UCP/CITAR)
O Hospital da Misericórdia de Guimarães (séc. XVIII): artistas e obras
António José Oliveira (CEPESE)
A família Noronha e Menezes da Prelada.
Governo da casa, dívidas e litígios na primeira metade do século XIX.
Manuel Almeida Carneiro

16h15-17h30

VI SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: José Ferrão Afonso (UCP/CITAR)
Emergência e expansão da medicina mental em Portugal: a propósito do Hospital do Conde de Ferreira e do grupo psiquiátrico primo-republicano
Eduardo Cândido Gonçalves (ISMAI/CEDTUR/CETRAD)
A assistência mental no Hospital de Rilhafoles: o patológico e o espiritual na primeira instituição para alienados em Portugal - o seu legado na edificação e amparo dos alienados do Hospital Conde Ferreira
Ana Catarina Necho (FLUL/CEHR)
Os provedores da Misericórdia do Porto José Pamplona Carneiro Rangel (1805-1811) e seu filho Manuel Pamplona Carneiro Rangel (1824): documentação inédita existente no Arquivo Condes de Resende
Joaquim Gonçalves Guimarães e Susana Guimarães (Solar Condes de Resende/GEHVID/CITCEM/Confraria Queirosiana)
Susana Guimarães (Solar Condes de Resende)
António da Silva Moreira. Mecenaz do Luau Atlético Club
Lívio Correia (IPP)

15 DE NOVEMBRO

09h30-12h00

VII SESSÃO DE COMUNICAÇÕES E DEBATE

Presidente da Mesa: Francisco Castelo Branco, Mesário da SCMP
A proclamação da República e as imediatas tentativas estatais de interferência na administração da Santa Casa da Misericórdia do Porto
Francisco Ribeiro da Silva (SCMP/FLUP)
A Misericórdia do Porto - uma presença indireta na poesia de João Suceleto Claramonte, poeta satírico barroco
Maria do Céu Duarte (Escola Básica "A Ribeirinha")
Frei Miguel de Condeiras
Estêvão Saragaio (SCMP)
Intervalo
A Misericórdia do Porto e os seus hospitais como centros de formação de cirurgiões (1639-1825)
Laurinda Abreu (UE)
Inculturação política e solidariedade social: as visitas ao Porto de D. Maria II e D. Pedro IV (1834) e D. Fernando (1836)
José António Oliveira (ESTGE/APHVIN/GEHVID/CETRAD)
Fernão Gomes e o painel maneirista "Aparecimento de Cristo à Virgem"
Vitor Serrão (FLUL/IHA)

12h00

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

Intervenção de Francisco Ribeiro da Silva, Mesário da SCMP e Presidente da Comissão Científica do Congresso
Intervenção de António Tavares, Provedor da SCMP
Porto de Honra





ENCONTROS DE OUTONO
VILA NOVA DE FAMALICÃO

COLONIALISMO, GUERRA COLONIAL E DESCOLONIZAÇÃO

DOS FINS DO SÉC. XIX AO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉC. XX
CASA DAS ARTES VILA NOVA DE FAMALICÃO
28 E 29 NOVEMBRO 2014

ENTRADA LIVRE

28 NOVEMBRO

- 09H30 **Abertura pelo Dr. Paulo Cunha,**
Presidente da Câmara Municipal de V.N. de Famalicão,
e pelo Doutor Norberto Ferreira da Cunha,
Coordenador Científico do Museu Bernardino Machado.
- 10H00 **Economia e império africano (do último
quartel do séc. XIX ao limiar da I República)**
Doutor António Telo
Academia Militar
- 10H30 **A questão colonial no século XIX**
Doutor Paulo Jorge Fernandes
Instituto de História Contemporânea Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa
- 11H00 Debate
- 11H30 **Doutrina e Ação: o lugar das colónias
e da antropologia na I República**
Doutora Patrícia Ferraz de Matos
Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa
- 12H00 **A Questão Colonial no Parlamento
da Primeira República**
Doutora Maria Cândida Proença
Instituto de História Contemporânea Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa
- 12H30 Debate
- 15H00 **O Estado Novo e a questão colonial**
Doutor Fernando Rosas
Instituto de História Contemporânea Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa

- 15H30 **A questão colonial na política externa
do Estado Novo** - Doutor Miguel Jerónimo
Instituto de Ciências Sociais - Universidade de Lisboa
- 16H00 Debate
- 16H30 **Constitucionalismo e Império.
A cidadania no Ultramar Português**
Doutora Cristina Nogueira da Silva
Faculdade de Direito - Universidade Nova de Lisboa
- 17H00 Debate

29 NOVEMBRO

- 10H00 **Angola, os brancos e a independência
durante o Estado Novo.**
Doutor Fernando Tavares Pimenta
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa
- 10H30 **A guerra colonial (1961-1974)**
Coronel Aniceto Afonso
Instituto de História Contemporânea Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa
- 11H00 Debate
- 11H30 **O processo da descolonização portuguesa
(1974-1975)** - General Pezarat Correia
Faculdade de Economia - Universidade de Coimbra
- 12H00 Debate

Inscrições até 21 de novembro.
As inscrições e a participação nas conferências
e debates são gratuitas e dão direito a Certificado
de Participação. O Colóquio é acreditado pelo
Centro de Formação Científica.



www.vilanovadefamalicao.org
www.facebook.com/municipiodefamalicao
www.bernardinomachado.org
museu@bernardinomachado.org



O ON.2 apoia o território histórico do Vale do Varosa



Primeiro a reabilitação do edificado, depois a aposta na visitação.

Este foi o caminho da Direção Regional da Cultura do Norte para promover o território histórico do Vale do Varosa, que concentra em Tarouca e Lamego um núcleo monumental de elevado relevo.

Mosteiro de S. João de Tarouca, Mosteiro de Santa Maria de Salzedas, Convento de S. Francisco de Ferreirim, Torre Fortificada de Ucanha e Capela de S. Pedro de Balsemão são monumentos imperdíveis que aguardam a sua visita.

Vale do Varosa: um roteiro apoiado pelo ON.2!